

JOSÉ LUANDINO VIEIRA

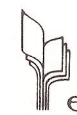
LOURENTINHO DONA ANTÓNIA DE SOUSA NETO & EU

Capa de
Alceu Saldanha Coutinho

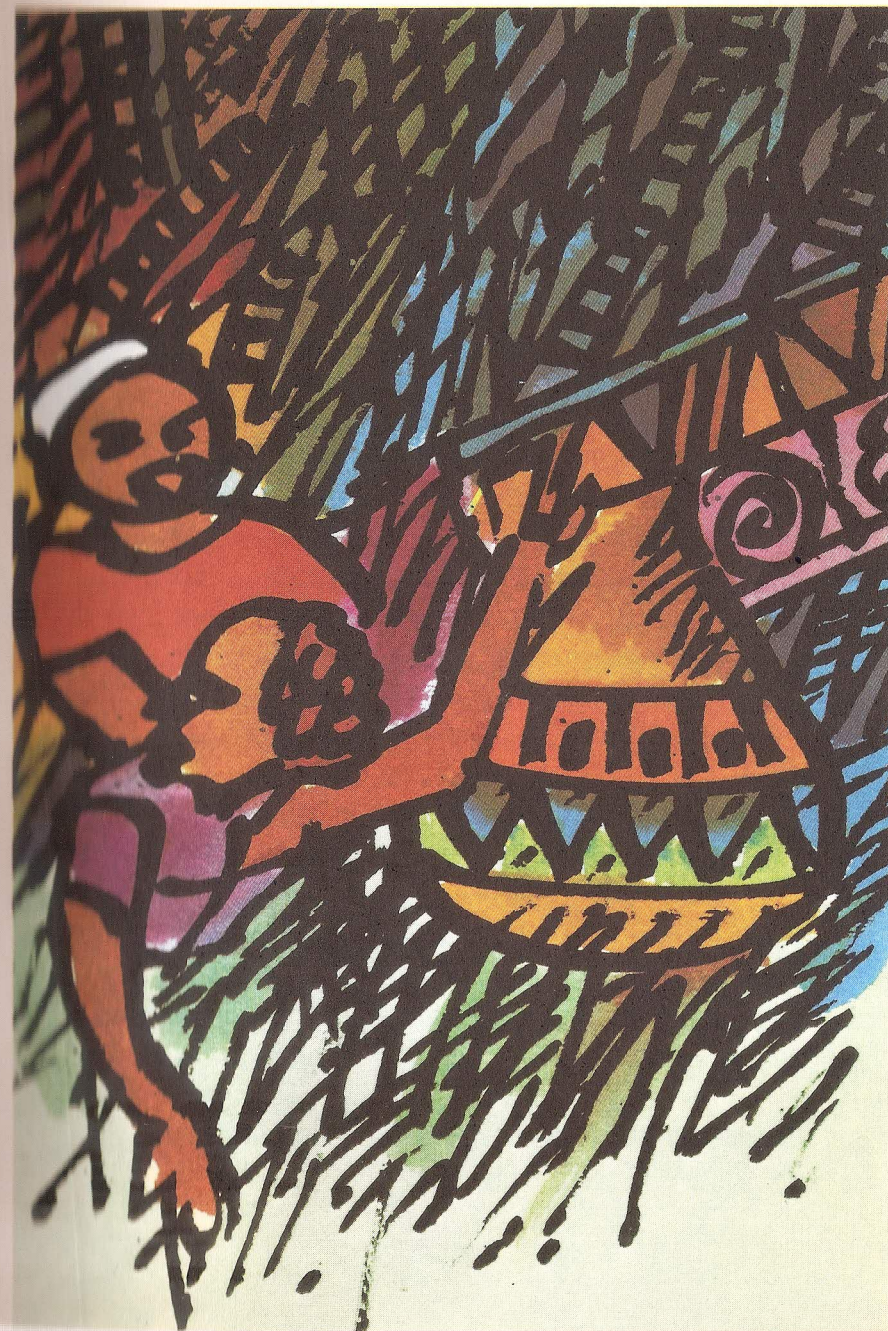
© José Luandino Vieira — Edições 70, Lda., 1981

Tiragem: 8.000 exemplares

6.000 com a chancela da U.E.A.
2.000 com a chancela de Edições 70

 edições 70

ESTÓRIA DE FAMÍLIA
(Dona Antónia de Sousa Neto)



Eis senão quando — fraqueza de ventos históricos; herança de leio pecado original; ou, cadavez, muxacato de feiticeiro — mangonhento sábio de comes-e-bebes, vira estórica data a fixar.

Porque tem uma velha bessangana no exílio de sombra mandioqueira. E sob refoleado tambarineiro, verdinegro, cujo vai ser pomo-de-discórdia poético, as muitas mesas. O almoço, esse que era de-pedido, virou lição etnografológica para brasileiro ver.

A velha é nga Tonha dia Kaj'vintém — perdão!: senhora-dona Antónia de Sousa, vocência sem favor. Vem dos tempos do antigamente, lá onde a bela quindumba e os panos traçados fazem o sol na massemba... Só que, nesta hora, desterrada da história, deixa embranquecer os cabelos e sonha à sombra murcha dos anos.

No por enquanto, tambarineiro é uma árvore, só. Beleza toda inocente, ainda; ar de luz e sombra, nega feitiçosas famas. Como galinha verde, as mesas sob as asas frescas, lá está. E velho Damasceno, dono-da-casa, só com o sacudido rir de um seu ramo dela dá ordens e desordens.

E contra-ordens: ninguém na mesa do centro não

quer agora. «Reservado lugar de meus amicíssimos...» — em barafunda jibuia os menores se atropelam para outros bancos, à direita. Risos; gritos e topias no velho capacete colonial dando vozes: «*Como em Aljubarrota, meus netos! A vossa é a Ala dos Namorados...*» São os famílias, os dos Sousas e os dos Mateus, convidados e sobrinhos; netos, um que outro bisneto até; cassulas e mais-velhos; gémeos alguns; e amigos e amigas dos futuros noivos — as hostes solteiras, se abancando, ruidentes, em mesa à parte. «*À esquerda — meus netos do conjunto e outros, adventícios, os que não tenham lugar reservado...*» — ainda grita, mas ninguém que ouve já. Buzinam carros no olho do areal, fora. Tem corre-corre, xingos e risos na casa-das-comidas, lá ao fundo. Uma menina começa a chorar, nga Mabunda não perdoa sabotagem de sal a mais.

«*Abixila, abixila kiá!*» — o coro de cozinheiras cobre o fuafo das panelas de cu no fogo. «*Ó Mabunda, então?! Cala-me esses quimbundos, aí. Se não vou lá eu!...*» — direito e seco, o autoritário capacete, compondo o laço-à-borboleta, Damasceno de Sousa Neto se avança, todo anfitrioso.

Mas o que era, não era — tudo só falso buzino de taxeiro perdido em musséquicas areias. E alegria no coração de tia Mabunda, o feijão ainda que não apurara, faltava o torrado sabor do agarrar no fundo, nada demasias, a simples suspeita só, para bocas convidadas. A tradição — que de tradição que ia ser todo o almoço, promovido de curial festejo de pedido a ponto d'honra: jornalista brasileiro, com sua esposa, era o escolhido de tanta gente chamada.

«*Ainda bem, mano. Mu fêjá ngëvuami hanji o kloho...*» — mas nesta hora, Damasceno já não ouve quimbundo. Nga Mabunda muxoxa, descansa à brisa; no seu exílio voluntário, mamã Tonha decifra sonho de rio seco e bagre falante, cospe orgulhosa nos bons cheiros que o vento leva.

Porque para tudo se mancomunaram as velhas mãos da filha, Francisca Maria, bessangana de famas — de doçarias; de mimos; de cúrias; professora da escola ex-da Kibeba, lá no antigamente que as meninas aprendiam a não serem só mulheres, ganhar direito a orgulho de lhes chamarem donas-da-casa. Como todas as dos Sousa — leolibênguicos imigrantes em secas idas, os que vieram das Margens. Mas de jusante, subidores do rio, em tempos de só missosso lembrar, inundando de gerações Fundas, Cabiris, Calumbos, até às verdes fronteiras do Ndanji. E como voz de ngoma aquecido e batido, a notícia do pedido de Jinga, a cassula, correu as savanas do Icolo e do Bengo, em voz e carta, telegramas. A pé ou de bicicleta, lá até onde o mais matuense dos Sousa agasalhava entre lavras e suas mulheres, caçadores e cães, nos fundos dos mundos dos catetenses, a fama do almoço voou.

E vieram — à revelia, nos produtos da terra; ou de corpo presente, nas ajudas de semana de preparativos. Carrinhas e imbambas; vozes e atados de cana marginesca; balaies; cachos de dendém e sacos; quindas, caquindas e alegrias. E quando muadié ngana Kidingu Kiajokota — aqui, em segredo, alcunha do ex-chefe dos postos Damasceno de Sousa Neto — anunciou feliz metamorfose do plebeio almoço em ágape etno-patrió-

tico, só a responsabilidade era mais-velha da alegria dos corações.

«Amicíssimo meu, ligado ao Cita, rapaz talentoso, inteligência robusta. E poeta!...» — quem que tinha aproveitado a deixa, rogara e fora aceito.

Mas todo o formigueiro sempre dá encontro um rompe-grupo — dona Antónia perdeu umas baforadas de macanha de Cacusio para vetar os casos. Que não e nunca; funguissada assim chama azar; com os-da-família, calundus e ilundos e miondonas, se já se viu... E, baforada final: mesmo que o tal brasileiro era mulato, o poeta era branco, e branco sempre traz branco igual, ponto final sem reticências.

E mais não disse — se exilou sob a mandioqueira, sua voz só de berrar fogo-fogo; cuspir; sonhar e espiar as coisas que chegavam; xingar as pessoas; deixar embranquecer os anos vividos.

E cubar, cubar tudo mais quanto é — mussolos e bagres nunca que perdessem gosto de barro ou bichos secretos; que a quindele areasse e a bombó cheirasse; que só cassafos dessem encontro nas capoeiras, dendéns virando ácidos, roendo gostos nas línguas...

Nada que sucedeu, passado é caixão vazio, nem morto mais mora — senhora dona Antónia esperou hora de zombar os convivas. Então os bagres, mussolos e de zombar os convivas. Então os bagres, mussolos e cacussos se escolheram fundanos, duns Sousa que carregaram carrinha de mangas; fubas, tudo só de pilão — tão cantadora nos dedos e a bombó orgulhosa de seus pós-de-arroz, exigências de tia Mabunda; e as todas mais galinhas, em grades: de Cabiri, as cabiris; pedrezes, de

perto do Nzenza do Ngulungu, galinha ciscadeira, de ovo escuro; uma branca-cassafo, enorme de gorda, viajou de comboio. «Não é galinha de fábrica, máquina de pôr ovo» — de tanto longe andar aquele Sousa, em missiva carta, ambaquisava já o estilo da oferta. A casa se encheu de cheiros frescos e frutas. Se construiu, no fundo do quintal, clandestina casota luandesca, só para despensa e cozinha.

Até que, em hora de já cozinhar, chegaram as desejadas, quem que tudo muda — comida vira pitêu na simples soma desses verdes: os tomates — berridados os europeus, de coração-de-boi ou maçã, só quindas dos de-quimbundo. Eles, com suas cebolas iguais, frutos pequenos, tímidos, humílimos, onde a sapiência da terra escondeu só sumos e gostos, sem desperdício de águas. Essenciais — «sem tomate de quimbundo, um molho é só um molho...», sentença aplaudida de sá Kaveia ka Usudi, ex-quitandeira, Sousa saída no Dondo, raptada lá vivia por casamento enviuvado já, hábitos. As todas abóboras, verdadeiras e falsas, as de mapupo até, quando ninguém que lembrava sementes de muteta e foi um grito e bater de palmas. As dinhanguas, orgulhosas, e suas folhas: diá-kimbuango, riscada, a que dá supimpa quiza-ca; diá-kasódio, alegria das crianças queimando os dedos nas brasas das cinzas para lhes tirarem, assada é que é; a amelanciada diá-kimbuatata, a dos guisados. E dinhungsos, ferrenhos dos funje, caríssimos — mas que dá para tudo. «Muteta dela com ovos e carne...» — sá Kaveia recusou contra nga Mabunda e venceu porém: que o almoço devia de seguir a linha do simples, não funguisar. «Kiakudikila, kiazanga...» — sabedorias.

Menor maravilha não eram caquindas de jindungos, mil malaguetas, ainda húmidas de cacimbos matinais. Se quem que queria os de calequeta, tinha — o vulgaris angolensis de Lineu que até branco cangundo põe na sopa. E os do Congo, para quem que tem medo do jitojito, grandes, amigos. Ja-samba é que não estavam lá, não eram para ali chamados; mas não podia faltar os verdes de-cahombo, cheiro de bode sendo defesa de seu bom gosto. «*Kala muhatu undumbu ua-mu-iza...*» — e as discípulas e meninas das casas sorrinharam-se todas salientes no quissem de sá Kaveia. Portanto, tudo quanto em jindungos — nome que monandengo assusta, só do dizer cadavez os olhos choram.

Eis que, então, na hora de os panelões saírem do fogo das massúicas, começam a chegar. Primeiro: pulga e dedo-pulgar — xingo atento de nga Antónia, vigilando regabofe de convidados. Nos seus tempos, nem para cumprimentos, quanto mais... Logo-logo os dois, parelha, sem discriminação! Que um o era muenante no comes, no bebes o outro nunca que era de homessas: Céu André, o Céu Cai? Caiu!, correctíssimo desvergonhado, cujo o pedido seu não admite recusa de pai de família. «*Descomportado cívico...*» — como dona Antónia, entre fumos e vetos, lembrara frase de seus salões do antigamente, anatemática? Verdade seja dita: o ex-advogado de sanzala, voluntariamente aposentado por coacção de usos e novos abusos, era homem de usar talher em bolso de calça. Mas língua de prata e mãos rotas, fizera o pedido, sendo o futuro noivo órfão de pai — e vinha de casaco-e-gravata-e-colete, credencial sem mácula.

«*Zita, Zit'éeé!... Ngi-bekele kala dia tubia!...*» —

don'Antonha, berrenta, de lhes ver donos no avançar pelo quintal. Tudo cala; se ouve estrelejar da lenha ardendo; e o número dois suspende menequenos, fareja assunto-de-crónica. «*É mamã Tonha! Hoje não se lhe pode falar... É a idade, Temisto!...*» — diz o dono da casa e Temístocles Zé da Cunha sorri, sua desconfiança ida. Pois quem que havia de ser o colega do Cai? Caiu!, senão jornalista angolense da velha-escola, unha-e-pulga eles os dois? Temístocles José da Cunha, sobrinho do velho Zé da Cunha, do «Mukuarimi» e do «Angolense», cafuso-fulo, amarelento de tantos papéis ler. Boatavam porém, que do vinho, os mais novos. Mas, nessa hora, correctíssimo no tirilêne, sapato engraxado — se era fão de metropolitanos álcoois, só com análise é que se via. «*Borracheira e mulembeira, passarinho no visgo, pensa é tudo o mesmo...*» — sentenciou nga Mabunda, reprovando o indiscreto exame das iguarias e bebidas pelas mesas, saindo para se mudar.

Pois, no interino de menequenos cumprimentos, já as mesas se enchiam de pratos e frutas, azafamosa corrida das ajudantes por todo o lado. «*Abixila, abixila kiá!...*» — de novo o grito de guerra saiu; de novo não eram ainda os de-honra, desilusão agora. E senhora-dona Antónia fecha os olhos, morde o cachimbo de barro. Músicos, aqueles, aquilo, os chegados? Moleques de nem lhe abanar em calores e moscas de antigo passeio de quipóia!... «*Amigo Tavira, então?...*» — a pergunta se amiga com o toque na quimbiambia do laço; os olhinhos miram os cinco da música, camisas acongoladas, caüetos todos eles, de soslaio desinteressados dos instrumentos, olhos nas mesas recheadas. «*Meus amigos, os dos*

'Camundongos do Ritmo'!» Se apresentam, educações amodernadas de nem mão estender. E eram: o vocalista Pinto Kalanga — o que falou uma voz de chumbo derretido, pigarrosa; e o famoso Madeu das Gomas, ritimeiro; mais o miúdo Catolotolo, torto viola-acompanhante; o solista, nem mais nem outro — o Zeca Canhoto, rangelista, puro caluanda. Completou Samba Velinho, ele mesmo se disse ilhesco, natural da Cazanga, exibindo a longa dicanza, o que a claqué vai chamar de Kinama, já se verá porquê.

«Ngi-bekele kala dia tubia!» — ninguém lhe ouve, dona Antónia berra. Tudo só já corridas, pratos e panelas; travessas, risos; ralhos dos mais-velhos. Na sua mesa os menores já batem garfos e facas. Vem tia Mabunda ralhar na janela: «Juízo meninos! Os convidados estão chegar...» E dona Antónia de Sousa desiste; cospe e xinga — no fundo, ri. Pois tem a certeza, sonho de bagre não mente; braço no braço, assim como vê, também não. A mandioqueira é doce xaxualho antigo, verde amiga. «O mindele, ku fésa?!...» — resmunga. E depois: «Kala dia túbia!» — berra e Damasceno solta o braço no braço do branco do conjunto, ouve só explicação. Pois Paulo Tavira, jovem angolano — disse: angolano; ele mesmo e os seus sendo angolenses — se comprometera, honesto, a empenhar a barbinha bicuda. Mas honra põe e o azar dispõe — e o «Ngola Ritmo» estava na cadeia. «Estes moços não deixam o ritmo, cazucuta ou cabetula, em mãos alheias, sô Sousa, confie!» Que sim, mas que também — e remirava o ar assambizangado do conjunto, feito já dono e pai da casa, entre os mais-novos. «Pois, meu caro Tavira, muito me

conta... Só de pensar, ferve-me o rubro sangue. Traidores mancomunados! E logo o filho do meu amicíssimo Zé Vieira Dias! Metido naquelas criançadas?... Não me ponha água nas fervuras!» — quais coação, quais exageros, negava. Metuculoso, o branco acendia o cachimbo com mil vagares, velho Damasceno gesticulava-se: «Más companhias? Talvez!... Aqui para nós, que ninguém nos ouve: essa camarilha de mulatos bolchevistas...» Mas não acabou, agora é que era: ronco longo e alegre, de longe ainda, buzinar fora da lei. «Abixila, abixila kiá!» «Mabunda, oh Mabunda!» — Damasceno chama e se dirige à cancela, o colonial capacete empunhado contra o peito, arma cívica. Trava o carro, na rua; descem pelas escadas da casa de madeira os futuros noivos e os mais-velhos da família. Risos lá fora; coluna vermelha de poeira mussequíssima, como bênção. Se avança para a mesa d'honra, pela sombra das buganvílias: Jinga, a cassula prometida, vestida de piquê branco, sorrida, sob as palmas da Ala-dos-Namorados; no seu lado André Adão Mateus, ganga-zuzense, é só sério, conceituado superior empregado de firma com filiais no Congo. E as mais-velhas bessanganas: Francisca Maria, tia de Jinga, a nossa conhecida nga Mabunda dia Xiku, mãos de fada doméstica, em seus novos panos; Lambinha, jovial Maria da Paixão, mãe do que vai ser o noivo; Céu André, o difamado pai do pedido — e mais bessanganas e tias, primas e mães à-cota e iá-ndenge, disfarçando risos nos ditos de velha Kaveia ka Usudi, pequenina e jovem anciã. Falta, claro, mamã Tonha — deixou cair o cachimbo de barro e sorri-se, velhaca. Espera como quem ressuscita e sabe de certa ciência o futuro.

Ou berra e urra:

«*Tubia!...*» — rouca e estrídula voz de ontens. Zinha não liga mais, tem uma paragem no tempo, interinzinho gargalhoso de quem espia da casa da cozinha. Velho Damasceno parou, dá distâncias: pela cancela aberta, enorme e caixa d'óculos, sorriso quiênzico, avança o mulato brasileiro, jornalista W. Belchior Cornejo, Filho. A seu lado, acambaiano ligeiramente o andar, modo de oscilar os quatro machos de uma saia — ondulação de escondido mar que se vê só no balanço de navio — a esposa, pequenina e branca, pernambuquesa de costelas todas lusas: Alfa Eliana da Motta Carneiro a quem velho Damasceno beija, solene, a mão.

E o último, primeiro — dito sorrido de velho Kidingu Kiajokota, abraçando quem nem bem se vê nos seus braços. «*Amicíssimo!...*» — o nosso homem: Tomás Dias Gomes, messiaco, cambuta ligeiramente camauindo.

«*Abixila, abixila kiá!*» — o coro das livres escravas cozinheiras vai morrendo. E a senhora dona Antónia de Sousa — digo: nga Tonha dia Kaj'vintém, retiro o vocência — sem quê nem mais respeito, peida-se inocentemente e vai fumando o seu cachimbo de barro à sombra da mandioqueira do passado.



Atendendo e considerando este vale de risos xacato de vaidades no caminho da eternidade, sobra da estória em tempos que já lá vêm é: um tambarineiro. No interim, uma árvore, só. Mas eis que sopram os ventos da

eloquência — e em sob sua rendiverde copa eleva-se, preclara, a voz de Damasceno de Sousa Neto, o faz silêncios. «*Irmãos!...*» — aos pés do trissílabo nazalento, todos os olhos estão fixados na seca figura de ngana Kidingu Kiajokota, temerário ápododo dos seus tempos heróicos de chefe-de-posto. Como dirá, modéstia à parte, a Duplo-Vê Belchior, em hora de confidências: «*Tempos homéricos, senhor! Tempos odisséicos!... Civilizámos muitos gentios: palmatória na direita, quinino na esquerda! Crianças grandes, os pretos...*» passando o pé do tempo sobre os musseques enegrecidos, mandiocas queimadas de sua alcunha. «*Irmãos!...*» — repetente, passa revista, olhos nos olhos: na mesa à direita, Alados-Namorados, lá moram os sérios e inocentes olhos dos menores todos das famílias; à esquerda — sobressalto? Quem que usa olhos verdes e azuis por fora, pinturas quimbandescas sapo ou camaleão? Ainda a menina Olga, sorridentha, oxigenada, desfrizada, toda quinducutinha mestiça afinal. «*Secretária particular?!...*» xuculará o Mino, à confidência maldosa do Lima Andrade apontando o poeta na outra mesa. Porque são ambos da sinistra, da do conjunto, velho Damasceno passa a esponja dum olhar: o Mino, Guilhermino dos Santos Júnior, ainda aparentável pelos Santos de Mazozo, enfermeiro míope, preto-claro, destinto. E o Lima Andrade, o Valdomar, Valdo para os putéfias do Bê-Ó — douto amanuense de seguros, autopromovido a jovem. Que recusara: «*Fico melhor na mesa da juventude, junto da minha turma...*» — e, em seu lugar na mesa d'honra, abancará um mais-velho, Pascoal qualquercoisa, homem de comer e ouvir, comer e calar, e comer.

«Irmãos!...» — ao terceiro cantar do galo, flui o maná: «Antojos vossos, de primeiro, os próceros respeitos por nossa condição na escala civilizacional obrigam a não desprecienda, ainda que breve, lucubração sobre este tão oracular sucesso congraçante de comunidades, aglutinador de raças, tábula-rasa de prêjuízos geracionais e — o mais caro a nosso vetusto coração, perdoem a um progenitor! — germinante, nesta hodierna data, das auguradas boninas da felicidade num futuro himeneu!»

E o tambarineiro calou, mais manso o arfo verde de seus troncos — vento único em suas miríades folhinhas os tersos vocábulos de Damasceno de Sousa Neto, erguendo ao lado dos maravilhados olhos de seus hóspedes, toda a cúpula da comunidade afro-luso-brasileira. «Bravo!» — e Temístocles roda, nostálgico, o copo ainda vazio. Não só homérico, reconhecia no foro íntimo o zuzuto Belchior, submerso — diplomático, idem-aspas. Pois assunto assim, de raças e multirraças, «escolho pérfido cujo é couro de melíferas sereias naufragadoras de tanta boa vontade» — acautelara Sousa Neto, tacto e talento só de quem que tinha suas costas quentes em presenças: à direita, madame Cornejo Filho, tão minúscula quão branca e perplexa; o dito jornalista à esquerda, glória e honra dos sangues que fizeram Minas Gerais em rede de mucama e pá de mineração... E, ao lado da descendente dos lusos Motta-Carneiro, ele, o nosso homem: Tomás Dias Gomes, quem que agora deixa enrubescer o abatado nariz e verga cerviz ao peso dos elogios: «... pois, parafraseando o título de vetusto livro de preclara pena peninsular, direi apenas sua legenda em brasão de lhana urbanidade

no trato com nossa gente: alvo corpore, sed nigra anima — branco apenas na pele, branco de alma preta, nosso irmão aqui presente!...»

O fim antes do final: palmas e bravos, bater de garfos, muitos-bens todos atroando o ar, acordando nga Tonha — o seu a seu dono: don'Antónia, que ninguém não vê, perdida em sonhos vindicáticos para lá da sebe de buganvílias, no gueto de mandioqueira. «Tubia!» — ainda berra, mas quem que ouve necessidades primitivas em hora de musas inspiradas? Batem as palmas o ar, ressoam ecos na copa das árvores do quintal, o tambarineiro é um verde acenar de aplauso. Tomás Dias Gomes soergue-se, delicado, sem ofuscar o orador, modestíssimo gesto. «Põe-te em pé!...» — rosna entre dentes o Mino, enfermeiro. Pois é imensa a sabedoria da ignorância humana; atinge, de chofre, o poeta no seu fraco: nas pernas cambutas e alma preta cambaleia, levanta do corpo um pó desdenhoso de olhar. Na confusão, o Lima Andrade abandona cobardemente Mino, vem para junto da menina Olga. Renasce o discurso, as tubas da fama calam os bravos, os vivós. «Fruta fina, língua de Cícero...» — alitera-se todo Valdomar, zangão, ao ouvido de Olga. «Não seja reaccionarento...» — quem que semeia vogais, colhe neologismos, é bem certo. «Schtt...» — o Mino vinga-se mas já treme o ar da tarde, frio no calor das palavras finais do anfitrião: «... e a música manará aqui do imorredoiro coração dos próprios vates demócritos, arredia de colcheias, fóbica de fusas, não obstante infusa do impoluto sabor genuíno de tudo quanto o folklore, vaso cornucópico de messes de proveito e exemplo, herda às vindoiras gerações na

inextinguível benesse do luminoso facho da nossa civilização construtora das caravelas de Cristo — naves ecuménicas que deram novos mundos ao mundo!»

A bem da verdade, não arderam tróias — mas a ovação não é que ia sendo derrota diplomática de dona Antónia, teimante resistente pacífica? Pois que em seu caduco passo até fez furo em sebe de buganvília, espionagens orgulhosas. Mas só viu às e alegrias, gritos, palmas e gargalhadas no ar que o tambarineiro azulava — corriam as ajudantas com travessas e panelas, as mesas burburinhavam de guardanapos abertos, pombas à boa paz das armas nas mãos: garfos, colheres, facas e as montanhas de frutas pelas quindas, pelas mesas.

Se comia, como quem queria. Reclamada por Belchior, o brasileiro, veio sumptuosa panela de barro, negrocú das lenhas — testemunho visual de seus apontamentos sobre feijão-de-azeite-de-palma. «*Fêjá ia maji a ndende...*» — corrigiu, solerte e besuntado, Temístocles, vestal-macho do santuário da tradição. Que era o «fato-completo», resumia Damasceno. Nga Mabunda, na mesa familiar policiando uma Jinga feliz e aérea muxoxou de satisfação pelos gabos do jornalista. E travessa vinha, travessa ia — os funjes, arrefecidos e duros, mas tão suaves, corriam a mesa d'honra: um quindele tão apurado que Céu André ergueu as mãos, alcinhou-lhe de pirão à boa moda sulana. «*Matete!*...» resmungou em outra mesa Valdomar que era pelos bombós — primeira vitória sobre o desdenho da menina Olga. Pois que também ela, etecétera e tal, pois claro: funje é no bombó e é na carne-seca. Agora mania caluandense de peixes e quindéis, já se viu. Deixava

escorrer a transparência da colher de pau no prato já cheio: sem um grumo único, creme oloroso, macio, sobrenadando na muamba. «*Acredita que foi aquela velhinha que ali vê, que bateu este bombó?*» — apontava nga Kaveia ka Usudi, fefenhante inimiga dum pescoço de galinha, à unha. «*Nós, as mulheres...*» — respondeu Olga, quinducuta menina de seus olhos, mas não deu mais todo o troco. Valdomar se afadigava contra o eslocho do funje no molho, receio de parecer gentio: a moça, por baixo de tanta pintura, era fresca de carnes, uma chance... «*Euê!*...» — alguém aqui bundou logo — logo o ar de sua mesa e gargalhoso Belchior fez sinal à boa-paz para Samba Velinho, o descuidadoso, a congolada camisa salpicada, cabeça-do-pungo esparrinhara nas olhas do muzongué. Porque quem sabe sabe — disseram os do «Camundongos do Ritmo». E: «*Hoje é hoje, manos! Tudia, tunua, cita iafuta...*» — é assim, por dá cá aquela bola de funje, que são nascidos muitos refrões de música folclórica. Eles eram caluandas; eles eram musseque-e-ilha; eles mesmos é que foram salvar a honra do pirão: que levantaram da mesa, invadiram, estarolas, a cozinha. Se ouviu gritidos e não só de alegria — mão de Madeu das Gomas conhecedora de bundas, se enchia no dá-licença. Encheram pratos — e as selhas onde que a serradura e o gelo embalsamavam as muitas garrafas, lhes deram paz d'alma para regressos.

E fefenhavam, ruidosos. Pirão especial, com todos: as mandiocas, no rijo certo, de cozido e não cozinhado; e a farinha — uma menina quem que veio trazer, caquinda dela e olho grosso no Madeu das mãos de sumaúma — outra vitória de velha Kaveia versus, desta vez, aquela

ngana Lembinha que queria a malangina torrada. «*Ih! Sucuama!...*» — só de-mussequê, ngi-lolokenu-nakiu, única uniquéssima. Que grossa, areão; feia, falsa e fria; de cheiro enxota-moscas: e acre, ácida, azeda — ah, mas só ela é travo do adocico do dendém, do salgado do peixe, salgadora da mandioca. «*Kiangangama mu kanu, kiatouala ma muxima...*» — ponto final. «*Ponto final!*» — cortou também o Pinto Kalanga, presidente da música, voz de chumbo clareando nas espumas cervesíacas. E Catolotolo acabou o solo desafinado, se serviu do funje misturado, rangelista de quindele-e-bombó; peixe seco-e-fresco; molhos esculentíssimos — tudo dobrado, o maníaco.

No que, pratos e meio, alegria alheia, nos esquecemos de quem que eram os convidados? Minute-se que os grandes homens assim são — pouco nas vistas, muito no coração. Lá estavam, eles e ela e velho Damasceno anfitriando, solenes ainda. Ou, cadavez, era excelência da muamba, comida de respeitosos silêncios — mas a pernambucana ria, feliz, para T. Dias Gomes, incitador à rebeldia: golpe d'estado no garfo, promulgar a colher. Lento e metódico, cirúrgico, o jovem Paulo Távira mostrava seu bilhete-de-identidade: homem de não escrever injustiças, de pensar o dito-e-escrito, só em seu jeito de comer se via logo. Porque também era jornalista. «*Meu amigo, Paulo Távira, promotor talento, poeta da nova geração...*» — fora a apresentação. E Tomás Dias Gomes estendera mão e cartão, ainda desconfioso. Inquirira, no antes disso, à revelia da surdez do tinir de talheres: «*Quem é essoutro, a seu lado, amigo Damasceno?*» — e, enigmático: «*De confiança? Cuidado com*

esses brancos que descem ao povo...». O jovem ouvira ou era mercador, de ouvidos? Certo que, à resposta se levantara então para apresentação, cívico jovial em sua suspeita barbicha.

O mulato de Minas, esse era maniento? Calado, chupava os dedos, apontamentava o grosso bloco, chupava os ossos. Rir, ria — mas à porta fechada, palavras assotacadas. Mazombo, matumbo lá deles, matuto sertanejo? Rascunho de verdade, só: tirada a limpo, era a supimpez da muamba, o queimado do feijão. Ele mesmo, confesso criminoso, desapertando botão: «*Por demasias de pimentas orientais é que a-da-Bahía goza a fama. Não fica atrás, cozinha angolana, amigo Damasceno!*» E se abrisse, limpando sua caixa d'óculos: «*Será que fica no sangue, este amor, marca eterna?*» Se gabarolava do que não era: em tempos que já lá vão — e, às vezes, voltam — chegou manada de escravos em arraial de Tijuca, Diamantina, Minas... Tanto quanto abêcês de ceguinho e restos de música de trabalho de mineração depõem, seu arquivô devia de ser ele mesmo, o tal: Caparandanda, famósico escravo de umbundas canções de gesta... «*Irmão brasileiro!... À saúde! Hip, hip, hip, hurra!*» — Temístocles, Céu Cai? Caiu! à uma. Pois eu, ele, Céu, dos Veríssimos era — se reconhecia. «*Brasil é grande, amigos. Gaúchos?*» Quais gaúchos, puros nordestenses onde que angolas fizeram engenhos alheios. Que de lá voltaram: os Veríssimos, da parte de sua mãe dele. E os Da Costa, Torres e Palmas, Assises — menos os VanDunens, sangues heréticos de flamengos. W. Belchior Cornejo Filho, aprende bom-senso: quem se-

meia, colhe — Caparandanda de lá, num ápis pariu dezenas de famílias cá.

E o tambarineiro fuafa o ar, doce coexistência da natureza, os meninos de Ala-dos-Namorados fazem uma lambança de gritos, avô Damasceno adverte juízo. À chucha calada, gargalhoso, o brasileiro catrapisca seu vizinho em frente: «E o amigo?» — esferográfica em riste. «Eu sou preto de Angola...» A medo, a pedir desculpa. «Só eu e o Ngola Kiluanji, claro! Os outros todos vieram do Brasil, não são gentios...» — e as últimas palavras são já uma mistura de espinhas tritura-das e baba de quiabos, só os olhos tão crianças riem: Pascoal qualquer-coisa cala-se, fecha-se no seu mundo e vai comendo.

Vem o silêncio, sinal de boa mesa. E agora? Agora, em estória que a tradição é ré, testemunha e juiz — entraspas de senhor sô Masceno, com devida vénia — ficava bem um latim. Exemplo: in vino, veritas. Ou, no vernáculo: mu vinhu iadikindîê, jinji jasaluka jadibale-mu.... Cai a mosca e cai a palavra-podre, no silêncio. «Tuji!...» — se engasgou a menina Olga, o Cai-Caiu largou faca e garfo, fitucado. «Então, irmão?! Tenha modos!...» «Caiu a mosca no vinho...» — desculpa canhota do Temístocles. Que se estava reconfortando no infundório, quiabento molho e peixe quando. E procurava afanoso o garfo. «Garfo?» — banzo, o colega dos comes-e-bebes, se exclama: «Garfo, praquê?» e recebe troco de olhar indulgente. «Com licença!...» — consuma o crime, despeja o néctar bairradino na areia do chão. «Pronto! Ench'outro, irmão!» E foi o que foi, velho Damasceno desapartando, começo de maca: «Burro!»

«Será você!» «Bêbado!» «Olha quem!...» — gargalhado riso do Cai-Caiu. «À boa paz, irmãos, então? Por copo de vinho, asa-de-mosca? Em casa de Damasceno Sousa Neto hospitalidade é incabável — ó Zinha?! Zinha! Traga outra garrafa!...» Se ria, porém, por todo o lado, ênfase maior a Ala-dos-Namorados com claque já. «Caro Sousa Neto, minhas viris desculpas. Mas este melque-trefe enfatuado...» «Então?» — a voz era doce, eliana, todo o sotaque das quentes areias pernambuquíssimas, gémeas das cazangas do Sul luandense e Temístocles se inclinou, educado: «Minha senhora!...» Sorria, fitucanço ido, educação pode mais que vício, saiba quem duvide. «Mosca em Gatão da Bairrada se tira é com garfo, peneirador...» E para seu ferrenho amigo: «Você não sabe que vinho no copo nunca pode acabar? Quando aprende? Agora... Jamais voltará o mesmo gosto, mesmo travo — sabe a novo!» «E depois?» «E depois?!...» — voz só no ouvido do outro, camaradas já — que vinho novo e mulher virgem é tudo o mesmo: águas paradas...

Os risos, claque jovem já em excessos, cumplicidade dos «Camundongos» — e Jinguinha, ex-namorada, futura noiva, dá o mote salvador: «Tio Temisto, o prometido...» «É devido, minha filha!» E se alevanta: «Minhas senhoras, senhorinhas minhas, senhores!» Se ajeitam pratos e ouvidos, Paulo Tavira e seus métodos no cortar da banana, ritual, para o feijão repetido; o poeta Tomás Dias Gomes, ciumento, divide ouvidos e olhos: ouvir quem vê e ver quem ouve — na gargalhadinha da menina Olga, Valdomar marca pontos: «Também a mim, também a mim. Será que somos almas gémeas?» o que

era o propósito de vontade de deitar fora a ferramenta, comer o funje às bolinhas com as mãos. «*Perdem-se as tradições, mudam-se os bons hábitos...*» — o suspiro da menina Olga promete confidências outras mas Temístocles Zé da Costa já avança pelo Paraíso fora e diante dos perplexos ouvidos tece a enodada teia do amor humano: Adão e Eva, nossos pais inocentes criminais — «*...primeira lição, minha filha: a folha do pudor, o recato devido...*»; e de César e Cleópatra retira lição da história — mulher é para casa-e-cozinha, modo de nariz não complicar o futuro da Humanidade. E mais outros famosíssimos pares: em surdina, castigo da vaidade humana do homem — «*Atenta, André, na lição!...*» — tropeço no capado corpo de Abelardo, nas lágrimas de uma tal Eloísa...

Belchior vai largando o garfo, sua mão procura mão gêmea, dona Alfa veio para junto — sobe e troa o verbo angolense, herdeiro dos Mamedes, Ferreiras, Fontes e outros insignes da plêiade do falecido Zé da Cunha, pai de boa memória. «*E tu, ò Julieta de quindambireense Romeu...*» — e já ninguém sustém a salva de palmas, os bravos-bis, Céu Cai?Caiu! levanta o copo: «*Saúde! Tchimtchim!...*» e perdem-se entre risos jovens e tinido dos copos os votos de harmonias familiares, recusa de lutas capuletas e obsoletas. Jinguinha, chora de alegria no ombro de sá Kaveia, zuzuta, piscando olho em Nga Mabunda que xuculula nga Lemba — empertigadouta finge perceber o que nem ouve, surdez linguística. Beatriz e Laura; uma Virgínia dum Paulo e uma Ofélia xalada, renascem das suas cinzas e procuram xingiladora para subir, «*... ou aquela exemplar contumácia amorosa*

da nossa Tereza de Simão Botelho, modelo virtutidínico de fidelidade...» — e o tom vai baixando. Temístocles ganha, de repente, a intuição do lugar da natureza no coração das palavras: deixa perpassar o verbo de silenciado xaxualho do tambarineiro, pausa verde, refrescadora de emoções. Para, num golpe de ís, fazer rumo ao fim: «*Embora tidos e havidos de retrógrados por espíritos facciosos que por aí pululam sem norte, malfadadamente, nós, que à paixão e inteligência das coisas tradicionais deste impoluto ancião que se chama Damasceno Sousa Neto não teceremos elogios suficientes — e permita-se-me evocar, em preito de saudade, outros saudosos insignes de nossas batalhas em prol de nosso folk-lore desde os saudosos tempos dos «Cidralianos» onde pontificaram espíritos musicais da estirpe de um José Kabangula, dum Manzuá, dum Xico-Vaidoso e, modéstia à parte, de nós próprios o Calenhitaco...*»

Tem palavras assim — rastilhos de revoluções populares: a mesa dos jovens em peso, os Camundongos do Ritmo, uma só explosão de palmas, apupos, uatobos e claque: «*Calenhitaco! Calenhitaco!*»... cadenciado, rítmica alcunha — que, no ipsis verbis quimbundo é Kalê ni Ditaku — bailando em mentes jovens desde início e agora prisioneira amnistiada. Do sol ao vento, era bandeira desfraldada duma popularidade ambígua: que sô Temisto se agita amarelado, para acabar discurso e nga Mabunda desmente o eterno feminino: autoritária e amiga põe ordem e bofetadas, xingos, orelhas quentes na debandada da Ala-dos-Namorados, meninos camboter-mos então, vergonhas das famílias, como era? E o vento enfuna seus belos panos no passar altivo, Temístocles

aproveita, se faz ao mar alto outra vez. Mas quem que navega com crianças enche o barco d'água, é bem certo: ainda uma vez mais deu encontro os escolhos da ignorância. Foi o caso de ter dito: «*Compreendemos e apoiamos essas novas gerações de angolanos*» — procurando o Purgatório, o lugar ao sol-e-chuva, «*mas reivindicamos orgulhosamente o nosso lugar na defesa dos valores folclóricos como angolenses que somos...*» — e Valdomar, partioso, levantou a voz ao sopro dos olhos pintados a seu lado: «*Angolanos? Angolenses?...*» «*Sim, jovem!*» — trovejou-se Temístocles — «*Sim! Não é discriminação, nossos sufixos pátrios são marca das diferenças em nossa educação: nós bebemos chá com senhoras; vocês, quimbombo com monangambas!...*»

E terminantemente, sem mais águas turvas, ergueu seus brindes à felicidade, à fidelidade, à harmonia dos noivos — e calou-se.

Calou-se a tempo.

«*Kala dia tubia, songa diê!...*» — a tempo de Zinha, papaçorda, sair em èuês e corridas atender dona Antónia de Sousa — nga Tonha dia Ketanu, nome de viúva, como dá licença agora que lhe vimos fumar seu cachimbo de barro e falar palavras-podres. Comeu seu pirão; bebeu seu quitoto; quer conversa. «*Xié, vavó!*», «*Kaná, vavó!*» Zinha ri, denuncia. «*Se ahatu alonua? Se kisanda uadia o funji...*» — cospe desdenhosa, funguisada de gente sem educação. «*Tunda, Tunda!*» — dá berrida, Zinha leva pratos, ainda ouve: «*Kindumba kala mavinji ma kilombo-kihasa...*» — alvo que é a menina Olga, a caminho talvez de onde só ela poder ir, a

quindumba oxigenada alheia ao quissemo da velha senhora.

Serenamente como a branca fuba chove do mussalo, a boa paz cobre as mesas e os convivas, tem um murmurido escorrer de conversas simples ao calor das digestões em início, reverberos coloridos das quindas das frutas espalhadas por todo o lado. É já hora de confidências, de gabos — muito embora tripetentes tinam colheres teimosas em pratos de mais funje ou jonjam as delícias do pirão. Correu o fresco marufo especial só de Belchior, Eliana e Tomás — gesto cavalheiresco de Damasceno com desculpas a tortolhos de Temístocles lambendo em seco seu pigarço bigode. Um Sousa, paráltico perdido lá para a Kiminha, em honga riobeirinha, despachara garrafão e cabaças — mas, dura lex sed lex, disse o Rasquete, revisor, cassumbulando as cargas no comboio. Sobrou bindazinha escondida milelicamente — a que agora se acabava, escorropichada e fresca. «*Mas em compensação repare*» — e Belchior escrevia, apontamentava. O que eram as frutas, uatouarinhas que o sol fez em sombrias baixas, musseques areentos ou, cadavez, ali mesmo no quintal: tambarinos, os mucefos verdamareloš, abrasileiradas cores e ácidos; os tão melosos melaços — tudo em caquindinha disputada nos menores. E as gajajas — «*lá cajazeiro chamamos, não é quirida?*» Pois-pois só que o vernáculo era mungenge, clareou Calenhitaco, atento e venerador de nossas coisas. Todas as todas anonas: a dita própria, redonda quase, quinducutíssima fruta-pão; as unhas perfumadas da fruta-pinha, fosca e fresca, carne macienta; o sape-sape ali não era irmão proletário de seus pares

burgueses, mas másculo com seus picos e rugas «*Cara de ladrão, coração d'algodão...*» — versos de Tomás Dias Gomes. Os caju, us de sumos; as mangas, irmãs do abacate, três sortes delas: a) manguinhos, pele lisa, rabo de criança — só para furo; chupo; lambuzo de toda a cara, doce de chamar abelha; b) escuras, verdes, enormes, as da-Funda, fechadas, mudas — mas cortadas à faca se comem mais como bolo vegetal, manga para quem que não é quizenze ou mabuínico; c) os dourados filhos do sol, jamaicas dizem os brancos-das-roças, bijagós, os cabo-verdianos: se cortam, a polpa fumega perfumes, escorre o mel nos dedos de quem come...

«*Não faça isso!*» — Valdomar retira a faca da mão de Olga, dedos nos dedos, azula-se a verde pintura dos sobrolhos. «*Criminosa...*» — como se lhe mordesse as orelhas, o que ela sente e junta as coxas. Uma manga daquelas, o sabor só se encontra total no morder, comer à mão, chupar os dedos, lambuzar a cara. E tinha até pedaços de múcua que Eliana provou e reprovou, gostenta de ácidos que era; goiabas — donde que vieram, em fora-d'época? — «*Temos famílias, nós, os Sousas, entre todos os trópicos...*» — enigmático Damasceno, toca o lacinho e sá Kaveia gargalheia-se camabuínhi. Alguém que queria figos-de-mulemba? «*Não sou plim-plau!*»... — o Valdomar acendia luzes no coração de Olga, sombras nos ciúmes de Tomás — o diabinho estava soprando o fogo, Paulo Tavira via, notava, acendia seu cachimbo, moço de pouca fruta.

Como a branca fuba chove do mussalo... — só que o ramalhar anónimo do tambarineiro chama confidências, abaixa vozes, e cobre de pó a pura brancura que a

fuba teve. Não só o marufo fermenta, pensa o jovem Tavira, carregando com mil delongas o cachimbo da paz interior, desapertando o botão à surrelfia. Pois, por exemplo, ele vê e ouve — e a menina Olga esquecida e gordinha, fala de si, Valdomar confia no bigodinho. «*Um grande poeta, vais ver e ouvir...*» — à boa vai ela, sigularizam-se os pronomes. E que não, nem pensasse. «*Amigo apenas.*» E ri, esfíngida. «*Amigo, aliás, do meu noivo...*» É a vez de Valdomar pintar os olhos, manhento suspiroso. «*Não sabia?*» — toda tão inocente, mostra o anel. E ele gagueja qualquer coisa — o jogo, alçapão para passarinha gorduchita. «*O meu noivo está preso, é um político internacional...*» Paulo Tavira enxota a borboleta de lume — queimou os dedos, esquecidos; seu risinho é tido por descuido. Tomás Dias Gomes fixa, hipnótico, os verdes olhos pernambucanos.

No entretanto já se afinam as violas entre risos sustentidos e terceiras de lá — da cozinha o fumo dos papéis queimados denunciava o Madeu, aquecendo as gomas, enchendo mãos nas discípulas da casa. «*Você é tão moreno, Tomás...*» — atento, Tavira deixa apagar o cachimbo — «*Se não fosse, seu cabelo diria...*» E a voz do poeta é toda igual, modéstia vaidosa: «*Ah, sim?! Óptimo. Quer dizer: não descuro banhos diários de sol, não quero que me confundam com um cangundo qualquer...*» «*Cangundo?*» Cangundo, ora mesmo. Besugo ou gamarto, biaco e etecétra — ignorosa, Alfa mostra os dentes certos, todos, conchalvos. «*Perdoe. Esqueci-me de que não folheiam dicionário angolano lá no Brasil. Cangundo, isto é: branco ordinário, branco de Portugal, inimigo...*» «*A!...*» — surpresa ou perda no

intrincado vocábulo? Mas como que em resposta retardada, a voz do mulato Lima Andrade perde o pé e sobe: «*Mestiço? Não me chame tal!*» — os «Camundongos» baixam os lábios da afinação e levantam os olhos; Paulo Tavira acende novo fósforo. Sô Damasceno, Belchior e os terríveis Céu e Zé da Cunha, o Júnior, estão perdidos entre velhos papéis da memória, angolenses e muenexis, ex-florescente jornalismo estraçalhado à nascença por míopes políticos de macuta e meia. Valdomar baixa meio-tom, se explica. «*Negro, diz assim. Sou negro; sou mulato criado pela mãe...*» Porque, logo-logo aí, havia que discriminar — se pelo cangundo da casa, então: mulatos, sem sombra de cor outra. Ou melhor: «*Vê ali o Céu André? Pois é o primeiro grau da escala: preto-fulo; e a seu lado o brasileiro? Cá, seria um fulo-claro a passar a mulato-antigo*» — os que encrespavam os cabelos em borboleta, de se usar lápis. Depois eram os verdadeiros, cinquenta por cento: mestiços. E vinha o que ele se quisesse se chamar, ele era: cor antilhana, orgulhos: jamaico. «*Tu, por exemplo, Olga: cabrita!*» «*Enganas-te! Meu pai já era cabrito, minha mãe é branca!*» Que, então, à vista desarmada, ela era mais é branca-fula. Paulo Tavira acende finalmente o cachimbo — e ri interior e irónico. Os dedos tocam o rectângulo de papel, esquecido. O cartão, inocente tipografia da apresentação, o que lera. O sussumoer de palavras, denuncia-lhe o poeta Tomás, de oitiva. «*O melhor funje que já comi!...*» — em três assuntos não é que encontrou três vezes as três melhores coisas da sua vida? Dona Alfa Eliana acende seu cigarro entre muxoxos que não compreende; velho Damasceno fere d'olhar severo a mesa

das famílias — sá Kaveia, a mana Mabunda, Lembinha, Jinga, o mazombo noivo tão calado... Os menores sossegados na lambança acabam os mimos às mancheias, vêm rapinar pelas mesas leias os pires de quitabas — as sobras das de duas cores, a torradenta de jinguba quase assada e a clara, oleosa e fluida, de açúcar e canela para guloso ou sal-e-jindungo para quem que é de bom beber. Um Zito, malcriando, zune pacotinha de quifufutula, aloira carapinha de laços da mana Fatita; choros dela, ralhos de sá Lembinha. Por um raio de sol fugitivo, esse pó sobe para os céus, divinal. Que ar ele era, coisíssima invisível, um sabor e nada mais, um cheiro ouvido só pela língua — quifufutula de Lembinha Ngakumono é coisa de não existir de verdade, um aroma só, ar e nada, mentira de poses. «*A verdade íntegra?*» — como sobe o vozeado de Damasceno, descem as mãos acalmantes do colega de Cai? Caiu!... Porque velho Damasceno diz não lembrar o pormenor. «*E sou de boa memória, compadre amigo!*» «*Também eu, e garanto!*» — e ele garante que à sombra da crítica livre, por isso que floresciaam homens e instituições. «*E exageros. E-xa-ge-ros!*» — sô Damasceno, ponto de vista administrativo. «*Então não havia no Mukuarimi jornalista — perdão, senhor Belchior, pasquinista! — que escrevia artigos d'encomenda para blasonaria ou achincalhamento alheio a dois mirréis, cinco mirréis, dez mirréis conforme as injúrias ou aslouvaminhas pretendidas?*» Temístocles se levanta, gesto em punho, fulminante. Mas as laterais seguram-lhe no verbo: tudo pede silêncio, dixibenos, festa-é-festa — porque Pinto Kalanga já se avançou sem reviença. E dentro do síncopo aflorar das ngomas, banga de Ama-

deu, pede licença para começar, faz vénia para dona Alfa Eliana «*angolana do doutro lado do mar*» e à senhorinha Olga e todas as senhoras presentes — assim, de caras e fora d'horas, suas cartas de educação na mesa. E, sem desprimor de outros cavalheiros, quer dedicar também o primeiro número «*ao grande poeta*» e

«*Kala dia tubia, ndumbu de merda!*...» — é dona Antónia.

Uma vez mais desvende-se a hipótese: muxacato de feiticeiro, bungulanços?

Cinzida de anos sua quindumba, ela podia ser elegível para o ofício? Nga Tonha dia Kaj'vintém, suspeito nome: de trocos de ex-quitandeira, legítimo; ou: moedinha furada nas mabundas de pôr-na-porta-da-casa, pseudo? Vento do tempo vai levantar saia da verdade — o que sempre não precisa é impaciência de namorado...

Por partes. Pois saiu o berro; a gargalhada depois; escarrosa de macanha — e Pinto Kalanga engoliu o nome que ia a dizer. Aí, Tomás Dias Gomes, inocente usurpador da dedicatória, cambutita e gesticulento, avança para agradecer. Sai das sombras — alcacésar miraculoso recupera-o para as anharas do espírito. E Zeca Canhoto abre o solo, carreirinho de formigas no capim do complicado acompanhamento do Catolotolo, todos rés menores — é o «Mon'Ami», a voz cinzenta de Kalanga abrandando o ritmo, chora a mãe com seu filho nos braços

Uê, Samba, utanga makutu
ua-mu-vualele ni nzala mu mala...

O silêncio cai, de repente, dona Alfa apaga o cigarro: ouve o pulsar do coração de Samba no sincopado das mãos de Madeu, mágico. Até no fim. Abraços, agradecimentos — mas os menores gritam, exigem: «*Kabulu! Kabulu!*» Pinto Kalanga agradece; levanta braços, calma-jéjé. «*Henda 'xala, henda 'xala!*» — querem farrear, exigem o ritmo. Belchior perde-se nos ruídos, Temístocles dita os versos da canção, o brasileiro escreve seus quimbundos sem cãpas: «*Alto! confrade amigo...*» — retira lápis e bloco, cumpre seu patriótico dever. «*Mazalala!*» — Paulo Távira falou, calmo a quieta voz acachimbada. E as palmas mostram o acerto, já a dicanza arranha o verde ar da tarde, os menores dançam. «*Os Camundongos, afinal...*» — só que era pena o ar de diambeiros, diz Velho Damasceno, ex-palmatória do ofício caindo inútil.

Kuala kizomb'é kia mazalala...

Coro, infantis e mais-velhos. Nga Kaveia mostra os mabuinhis e a claqué berra: «*Kinama! Kinama!*...» — pois chegou a hora, Samba Velinho uabiluka muito-mal, calundus musicais: descalçou sapatos, pé no chão vermelho, só assim acerta o ritmo de sangue, da areia, da quizomba frenética... Bungula e canta, os menores dançam alegrias, sorrisos de mais-velhos saudosos.

E veio o vento, foi o vento.

«*Maravilhosa a vossa interpretação... Esse Gongojã é autêntico negro-espiritual...*» — que assonâncias e dissonâncias, ressonâncias, nosso ritmo tribal, ritmo de nossa gente — o poeta Tomás virava de cambuta a quileba, força do verbo, no meio dos do conjunto.

Catolotolo, agradecento: «*O amigo desculpe, não nos critique só muito...*» — a viola não afinava bem, o lá era emendado, não tinha bordão no mercado. «*Isto é que é uma dominação!*» — e Belchior, brasileiro, larga quimbundos e versos, se chegou. O poeta transfigurado pelo alcassé insurgia-se: «*No fundo é o que eu digo: sabotagem cultural, engrenagens de sistema reaccionário...*» Quem falava nos dentro dele, tão quieto e mazômbico nos apetites anteriores? Alcassel mágico, a poesia vinha? Paulo Távira sorria, o lembrado cartão no bolso de sua camisa axadrezada. «*Vejam lá — nem bordão há no mercado!*»... Que nos tempos do antigamente, no André Comandita nunca que faltava. «*Ah!...*» — era sorridente já saudoso, olhos nos olhos de dona Alfa — «*Vocês já não viveram esses tempos da jinguba do 'Violas', bolos da velha Gonita e sô Carolino, seripipis nas gaiolas...*» «*É mesmo poeta!*» — alguém disse. «*Poeta d'água doce!...*» — e a menina Olga, quinducutesca, fugiu dos olhos da serpente: bofetou o Valdomar. Tomás, às, se interpôs, disfarçante; Olga, marejada de lágrimas, Valdomar então cavalheiro à força, peixe-xunga do aquário do Bê-Ó: «*Bofetada d'amor ofendido!*» — se curvou em vénia. Olga arrependidíssima logo-logo pedindo desculpas. Mas o poeta: «*Oiça: não me conhece?*» Que não conhecia poetas de salão, disse o Valdomar. «*Escrevo para o povo, amigo*» — e era calmo, limpador da chaminé da ignorância. «*Para os analfabetos!*» «*Para os analfabetos?*» — e Mino, o Enfermeiro, pôs os óculos seriosíssimo, murmurante: «*É dos nossos, dos nossíssimos!*» — avançou ao reconhecimento, Tomás, cambuta, fora de foco. «*Também não me conhece?*» Que não tinha

a honra, esperava. «*Não conhece a poesia angolana?!*» — era lástima, era desânimo, era ironia? «*Aqui tem o meu cartão!*» E, mão na mão de Olga, se foi para junto de Damasceno, às mil-desculpas. Mino, o Enfermeiro, zuzuto, lia e cria:

TOMÁS DIAS GOMES

poeta revolucionário internacionalmente conhecido

Luuanda • Ngola

«*Pópilas! O muadié é teso!...*» — mas o Valdomar logo-logo, às três pancadas arrumou os casos: boatou epidérmica intriga, entrou por um não saiu no outro e Guilhermino, in dubio, desculpou-se: «*Pensei...*» «*Pensaste?*» — Valdo marrando no bode expiatório: «*Pensar? Você não pensa! Matuta, ma-tu-ta. Pensar, cogitar — nós os da cidade. Vocês, do mato, matutam e é um pau...*»

Ao que, berride-se a má-língua. De minimices não cura o pretor, diria Céu Cai? Caiu! in illo tempore. Adiante-se a justiça para alforriar inocentes, verberar culposos: os autos, no ipsisver:

Tendo a prendada senhorinha Olga Palhares declamado poesias mui aplaudidas, quis o fado fechasse a poema d'amor. «*Versos de pé quebrado...*» — como desdenhara Temístocles depois de conhecer identidade autoral. Que eram dum mulato qualquer-coisa da Cruz, Virgílio ou Viriato ao que parece, e começavam assim:

Mandei-lhe uma carta em papel perfumado
E com letra bonita eu disse ela tinha...

O melhor, monte-se a cena — chegou a hora e a vez do tambarineiro estórico.

Ao centro: Tamarindus indica de Lineu, árvore resistente à secura ex-muito abundante na região de Luanda. Frutos com aplicação em bebidas ácidas, cuja polpa pode ter também utilidade quimbandeirica. As folhas servem para dar aos animais, excepto aos coelhos e aos porcos. Superstições de gentios acoimam-na de árvore de feiticeiros. Ao presente — sem provas. Debaixo do dito tambarineiro, Tomás Dias Gomes, ao centro da mesa e de pé — imagine-se uma ceia-de-Cristo, discípulos a bombordo e estibordo. Menos um: Judas, que virá de fora: Valdomar, da mesa esquerda. Às três pancadas, parou a música; Tomás verbera o jovem Paulo Távira; todos escutam.

Tomás — Poesia d'amor? Deixem-se disso... O amor é uma invenção burguesa, não estamos em época de poesia dessa. Quer dizer: é uma alienação negativa...

Paulo (interrompendo) — Mas veja, Neruda...

Tomás (sardónico) — O Pablito? Alienação positiva, jovem! Alienação de sinal mais! Olhe: industriei já muitos jovens poetas, industriei estudantes, industriei operários. Safei-os das engrenagens alienatórias da sociedade burguesa...

Valdomar (à parte, em surdina, aos ouvidos de Olga) — Afinal você ama um grande industrial...

Tomás (fingindo não ter ouvidos) — E com sua licença, caro Damasceno, sempre lerei um dos meus poemas. (Procura nos bolsos.) Cá está!... Veja um exemplo do que lhe quis demonstrar, jovem Távira!

Alfa, Belchior, Temístocles — Bravo, bravo!...

Tomás (procurando elevar-se, sobe a um banco) — Obrigado, obrigado!... Perdoem, é para ler melhor, ouvirem melhor. O poema intitula-se... — «Berro do Pau-a-Pique»!

Belchior (para Temístocles) — Pau-a-Pique?

Temístocles — Tungu, jitungu...

Alfa — Não será pica-pau, Bibi? Berro do pica-pau?

Belchior — Que pica-pau, quirida! Não seja boba. Não estamos no Brásiu, tudo é diferente...

Valdomar (chegando-se a Olga) — Berro?

Tomás (com desdém) — Berro, sim! A poesia tem de ser berrada a certos surdos ouvidos!...

Damasceno — Apoiadíssimo, apoiadíssimo...

Céu Cai? Caiu! — Então? Esperar faz fome...

Temístocles — Faz sede...

Tomás (pigarreando) — Berro do pica — digo «Pau-a-Pique»...

Nos miseke, anandengue chorando na dixita
nos miseke, mães gritando no Xamavu
nos miseke, homens quietos no posto...
e as chuvas derrubando as cubatas!

(Pausa; relance sobre a assistência)

Aiuê, pau-a-pique!

Sinfonia trágica da miséria

música escrava de canas barreadas

barro vermelho de masôxi
de sangue

Pau-a-pique de hoje
Madrugada d'amanhãs!

Todos (à uma) — Bravo! Viva! Viva! (Levantam-se; confusão de apertos de mão, aplausos. Nga Mabunda vira cipaio: os menores, cambotermos, agitando laranja-das combatem-se; Valdomar, de pé, segura uma Olga delirante, xinguilando quase; em surdina o conjunto dedilha; Tavira, reacende o cachimbo apagado pelos ventos da fama, sorri, interrompe.)

Paulo — Diga-me uma coisa...

Olga (excitadíssima) — Um momento, um momento! (Abre a sua pasta, retira as habituais coisas femininas e por fim um rolo de papéis; distribui.) Fiz cópias, Totó! Fiz cópias! Eu já sei que a estrela dele brilha sempre. Tome, tome, tome! Leia!...

Valdomar (cínico) — Faltam os autógrafos!...

Damasceno — Genial, meu jovem amigo, genial ideia! Assine como preito de recordação desta inolvidável tarde de arte e tradição!

(Todos se lançam a Tomás, que vai assinando as cópias do seu poema. Da confusão emergem Alfa e Belchior.)

Belchior (sorrindo) — Puxa! O cara é macho, enh?

Alfa — Original, quirido, original! O Tê e o Guê s'entrelaçando dão foice-e-martelo!

Tomás (para Tavira, quando tudo acalma) — Veja, jovem, o exemplo. Sem vaidade, você compreende,

oficial de mesmo ofício... Mas a luta contra a alienação deve começar por nossa assinatura!

Paulo — Mas, propriamente, a poesia...

Tomás (cortando cerce) — A poesia? Como em todas as coisas. Quer dizer: há os moderados vendilhões e os extremistas radicais! Estou traduzido em cubano, meu amigo!

Belchior — Em cubano?

Paulo — Cubano?

Valdomar (fugindo aos olhos de Olga) — E em soviético, ainda não?

Tomás (indulgente) — Na Urse fala-se russo, não é soviético.

Paulo (insistindo) — Mas o poema, propriamente...

Olga (agressiva) — O que é que tem o poema?

Tomás — Calma, minha cara, calma. Devemos ser pacientes com as novas gerações: catequizar, industrializar, equacionar...

Paulo — Só uma questão: porque não usa, nos primeiros versos, musseques em vez de miseke?

Temístocles (levantando-se) — A língua quimbunda, património sagrado de nossos ancestrs antepassados...

Cai? Caiu! (tapa-lhe a boca) — Eh pá! Bebe e deixa ouvir...

Tomás — Bem! A poesia, jovem, não se explica. É um fogo que nos abrasa, um ar que nos dá. Mas enfim... Conhece o Assis?

Paulo — Qual Assis? O das musicadas?

Tomás — Quais musicadas! O dicionário do Assis. Não? Incrível! Pois jovem, conselho numar um: compre

o Assis. Numar dois: leia e medite esse dicionário. E talvez eu lhe pareça profético mas a verdade é esta: sem o Assis não haverá poesia angolana!

Temístocles — Bravo! Lugar aos angolenses ilustres! Assis era um preclaro espírito, homem lhano em seu trato...

Damasceno — Um elevado patriota, cultor dessa bela língua portuguesa que é nosso quimbundo materno!

Tomás — Pois. O plural de musseque é miseke, jovem. Mi-se-ke. Com cápa. Segredo artesanal, ainda lhe digo: emendei antes de sair de casa!

Paulo — Mas, quer dizer que faz os poemas com o dicionário?

Olga (interrompendo) — E aquela palavra, Totó, tão poética, a que encontrei?...

Tomás — É verdade! Sem querer, a desfolhar o nosso Assis, dou de caras com aquela palavra altamente poética: masôxi. Má-sô-txi! O dicionário, jovem camarada, é insubstituível para acumular reservas poéticas...

Valdomar (soltando-se da mão de Olga, que o quer segurar) — Ora, ora! Isso não é poesia, assim. Desculpe o desacordo. Poeta, poeta é quem que é como Bocage: de repente, improvisado, sem preparação. Não acha?

Paulo — Bom!... De certo modo!... Mas...

Tomás — Oiça! Preste atenção — isso é a pré-história da poesia. Todos passamos por isso. E não fora estar a roubar o tempo de nossos amigos músicos, eu provar-lhe-ia...

Kalanga (que está roendo uma perna de galinha) — Faça favor, o amigo. A gente esperamos...

Todos — Mostre! Mostre!

(Tomás, concentrado, baixa a cabeça; depois olha, muito sério, todos os presentes. Mesmo as crianças e os menores, já estão rodeando a cena; há silêncio de se ouvir a respiração um pouco asmática de nga Lembinha.)

Tomás (chamando) — Olga! Vem cá. (Segura-a pela mão.) É assim como uma espécie de musa necessária... Vai ver, Lima Andrade — não é o seu nome? — como faço já um poema ao acontecimento desta tarde memorável!

(Concentra-se; tudo em silêncio; o chupar do cachimbo de Tavira e o seu sorriso sobre a barbicha; Valdomar, trocista, não tira os olhos de Olga, cada vez mais encostada ao poeta.)

Valdomar (à parte) — Não é inspiração, é empernação...

Kalanga (no mesmo tom) — O muadié manda xaxatango...

Tomás (um pouco solene):

Naquela tarde

Pusemos fraternalmente as mãos nas mãos

E debaixo de camarada mulembeira...

Valdomar — Tambarineiro!

Céu Cai, Temístocles, Damasceno — Sccht! Deixa acabar!...

Valdomar — Deixa acabar, como? É um tambarineiro!

Olga — Poeticamente é uma mulembeira!

Valdomar — Poeticamente a menina é analfabeta em árvores...

Olga — Oh!... Já viram?...

Tomás (soltando a mão e avançando) — Mulembeira, ignorante!

Valdomar — Tambarineiro, seu analfabeto!

Todos — Então?! Então?! Vamos lá...

Tomás — Mulembeira! É a árvore mais poética da nossa terra...

Valdomar — Seja o que for — um tambarineiro não é uma mulembeira!

Temístocles (com copo na mão) — Alto, juventude insana! Alto! Isso agora é já assunto de angolenses, quimbundistas fundos, donos da língua. Têm e não têm razão: mulembeira é corruptela apressada de mulemba; tambarineiro, apressada corruptela de mutamba...

Damasceno — Muitíssimo bem! Assim é que é: vem nos livros, já o disseram vários doutores.

Belchior (tomando notas) — Um momento, um momento! Mulemba e mu-quê?

Temístocles (autoritário) — Depois eu dito!... Sendo portanto palavras de similhaça nos radicais — veja-se mu-tamba, mu-lemba, radical mu — e sendo essas palavras do povolêu — vox populis, voz de Deus — nada menos de não admitir do que não sejam nunca da mesma família...

Céu Cai? Caiu! (espantado) — Como! Nada menos de não e não nunca?...

Temístocles (imperturbável) — Logo, de certo modo, são as mesmas; de certo outro modo não são as mesmas...

Tomás (apertando a mão a Temístocles) — Obrigado, meu caro ancião. Obrigado. A ciência voa em favor

da arte, só os reaccionários o negam. Portanto e por tudo: mulembeira. E em todos os meus poemas meto sempre a mulembeira. Por simbologia simbiótica todas as árvores do musseque são mulembeiras!...

Valdomar — Por burrologia idiótica!

Olga (soltando-se vai agredir Valdomar à bofetada) — Idiota és tu! Mulato aluado! Analfabeto diplomado! Indecente!...

(Tomás quer agredi-lo; a confusão é geral. Fogem os menores; velho Damasceno procura impor ordem, se ouvem os berros de Céu Cai? Caiu!; berros e asneiras seja dito. As mais-velhas da família riem, não percebem, muxoxam. «*Maka a mindele...*» — ouve-se, geral eco. Paulo Tavira sai da confusão, dá sinal a Pinto Kalanga e Madeu das Gomas. O conjunto abre-se todo de alegria e, na voz de chumbo macio do seu vocalista, ressuscitam carnavais e quilapangas:

Sonhi mualenu é

Nuolokuenda ni mabunda

Nuolokuenda ni mabunda

Pala ku loua Santana...

Cairia o pano, se em teatro. Na vida só cai a tarde e cai o tempo, caem as milionésimas folhas de nosso tambarineiro estórico e o musicado silêncio, para que dona Antónia de Sousa — nga Tonha dia Ukamba Uámi, minha e nossa senhora do antigamente — adormeça, virginal, em sua prisão de ar e velhos sonhos.



Surucucu é um sopro de sílabas. Quem que vai pensar no princípio era um amor, só; o amor virou ódio e o ódio xinguilou continuação desta estória?

O que tem a ver surucucu com almoço de pedido é que, em tempos d'era uma vez, apareceu em quintalão dos Sousas Neto, no Kasualala onde estamos, a dita diuta surucucu. Ora a serpente era o mais astuto de todas as alimárias da terra. Ela disse à Teté: «*Verdade mesmo, no teu pai te proibiram de não comer fruta num pau do quintal?*» A Teté disse: «*Sim.*» A surucucu respondeu, disse: «*Ele sabe se você comer adiantas abrir os olhos, viras muito esperta que ele...*» Então a mana Teté viu que a árvore era doce na boca, nos olhos bela e tão quente ao coração — e comeu. E como eram as gajajas e era a de noite, a Teté ficou grávida, bebeu água de quizaca de macunde e não abortou...

Visto que tem horas assim, poeta sendo amigado com paus e sombras e silêncios. Então um deles sacudiu molhado de lava-mãos e abandonou a mundanal festa pela porta-do-cavalo. Foi o caso de ir desaguar cervejas e ver o paraíso, bissapa encacimbada nos fundos quintalões — Paulo Tavira, confiante barbicha, olhos cor de chocolate de café, vivos quietos. Lá, sob o tambarineiro, cada qual com cada seu ficara: Belchior às amigas com Damasceno, remoendo conversa cujo o primeiro arras-tava para terras bienas, sôfrego de desenterrar quimbo natal do Caparandanda avô. Ao que, o segundo, queria

comandar nova «Bandeira» até os Gerais — se por lá família mustigada, Sousas Netos, não teria? Céu Cai? caiu no cochilão, embalado em disputa quimbúndica de Temisto e Mino, o Enfermeiro, desemparelhado agora sozinho — o Valdomar chamado na horagá por telefonema de maternidade, uma irmã aflita. Só bebera o tratado de paz com o poeta da mulembeira, voara. «*Não devias de aceitar. Vê lá que até me quis apalpar as pernas...*» — quinducuta dogmática, em segredo. «*É um pobre lacrau alienado...*» Se farreava; menores todos, conjunto puxando no selecto, a meio-tom — e as mais-velhas zumbiam tais quimbundagens que se diria gente babélica.

E a bissapa era de bunganvília roxa e branca, entrelaçada de brincos-de-mulata, fetos, aibencas e moitas abandonadas, capins e pássaros. De lá, a casa crescia, em meios, varanda-colonial — quantas gerações, entre suas paredes de madeira verdessujas do tempo? Sobre pilares, casa à americana. E anexos e casinhas e casotas, por volta — parentes recém-urbanizados; visitas matuenses; ventres fecundos diminuindo a área antiga de musse-que de mandioca. O que ainda existia, resto dele só — e bananeiras, chapéu de sombra de roupas e celhas; a gajajeira, trazenha, velha; mandioqueiras fresquíssimas. Plantada a verdes tutelares, o musseque à volta olhava a casa — tacanez de chapas velhas, luandos, tábuas e papel-de-cimento, os paus-a-pique pelos dedos. A casa como o dono — quimbiâmbico laço, capacete colonial, tempo levantado contra as arrogantes silhuetas dos arranha-céus se chegando com manha de nuvem, pacientes salalés da vermelha terra do antigamente.

«*Tudo condenado... Ainda bem? Ainda mal?...*» — diálogo de Paulo e Távira, modo de dar pausa ao cachimbo.

E nasceu a voz — como se chuva-de-caju em enterro de criança, flores brancas, a virgem terra cacimbada. Ou a dor de tudo isso, sonhado e nunca visto, saudade tão menina para sempre velha.

Ki ngibanza ngidila
Aiuê, ki ngibanza, ngidila, muadi!

Cançãozinha de embalar a morte — e buganvílias roxas; e pássaros; e o cheiro a urina, rir solto e tempo prisioneiro. E o corpo desnudo quase que era mas sujo, terrenha a bata branca só, única parra. Os cabelos lanosos rebanhos — como era ainda bela assim despen-teada e nua?

Ngana iami ua-ngi-ambela kiki:
Ndé mu 'Alunga uasumbe o mbirikitu
Ngai mu 'Alunga, o kindumbu ki-ngi-futami
inama...

«*Vens ao baptizado?...*» — já era tarde para fuga: frente a frente, sem dar conta de seus passos voluntários, Paulo sorria. De pé era alta e direita, as unhas sujas de terra. «*Ah! Já sei: és o Mudo-da-Mutamba...*» — num cicio, os olhos arredondando. «*Não lhe fazes mal, não?*» Abaixada outra vez, as coxas nuas mais claras por todo o

dentro até lá. Era boneca, quipupo de massaroca, maravilhosa em seu gesto maternal. «*Dorme!*» Novamente surdinita a canção, embalo:

Ndé mu 'Alunga, uasumbe o mbirikitu
Ngai mu 'Alunga, o kindumbu...

«*Vem!*» — a mão na mão, uma frieza só, de um fogo morto. Paulo Távira se deixa levar. E lá as flores são mindinhas, ao fundo, de trepadeira gentia sem nome de léxico — amarelas e doces, ela quem que deu para chupar. E fez colares, pendurou-se deles, colo e cintura. Ria, tolices só dela — abriu as pernas, subiu o vapor ácido da urina amarelada. Salpicos. «*És o padrinho!*» — e se mascarava, muquixi, com areia ainda fumegante, sobrolhos e testa. «*Não faça isso...*» — o medo, não de ela ou de si, só de partir o espelho limpo dos seus olhos inocentes, acordar o sonho. Mas ela, dedo na boca: «*SSSssss Surucucu sem sol sai?*» — ria magoável, abandonada. — «*Sucuama! Se sai seca, se seca sopra, se sopra sssss...*» Depois séria, pedras da face: «*Sou a senhorita Tereza de Sousa...*» Era esta, então? Paulo Távira mirou feições num ar de cílios; asas frementes de nariz, o desenho recto dos lábios. Mas os olhos: rolas descuidosas à beira da rede de rugas, armadilha. Ela, toda ela já não sendo em terras e sujos, cabelos anárquicos. E a voz assim às claras, do outro mundo do antes e do nunca mais: «*Quando ouvires arder o mar, o cacimbo já não vem...*»

Ki ngibanza ngidila, muadi
Ki ngibanza, ngidila!

Se penteava de dedos e cuspos, espelho a unha polegar direita. A Teté, a louca, a verdade essa era. «*Minha venusta filha, pulcra!...*» voz orgulhosa de Damasceno, anos atrás. E súbitas secretas vozes, ditos e calados, boatos, Mutamba cheia deles, maximbombos: mesmo com pedido de família igual, de Bengos e Icolos, o velho plantara firme a bengala no lar familiar, dissera: «*Não, nunca!*» — o conselho de família convocado, promulgou irrevogável: «*Tomuene uafidi, tomuene a-mu-loua uê...*» E o namorado correndo velhas bessanganas de Samba e Cazanga, mexendo calundus — nada. «*Malangino em nossa família?...*» — crime de Diogo esse sendo, de lá tinha vindo, rapaz de fronteiras longínquias, com quiconguenses talvez aparentado, muitas vezes. Sozinho, perdido na cidade de seu querer de querer e quererem. Que os malangenses iguais também enxotavam. «*A rola é filha do pecado?*» — lhe segurava para sentar. O sol parado em seus olhos dela, à escuta. «*Responde!*» Que sim, mas também filha do padeiro... Risos e beijos nos próprios dedos. «*Eu sou a enfermeira, tu és o quê?*» «*Enfermeiro*» — e se arrependeu no logo-logo, os olhos de água turva, o beijo tremente. Enfermeiro ele era o Diogo José, e ela idem. «*Nunca! Ele, sim!... Tu és surucucu!*» — cuspiu-lhe, queria bater. Mas, depois, maravilha de nada: «*Vês?*» — fio de um capim, seco. «*É colar de missangas de migalha de pão de massambala — paixão!*» Arrumou ao lado, gêmeo do

sapupo de milho. E um botão, escondido atrás das costas: «*Se tu vires estes peixes, ficas cego — amor!*» E, de repente, como se rezasse terço em missa, segurando polpa de seus dedos redondos com seus redondos dedos: «*E ciúme, amizade, indiferença, ódio...*» Chora. Choro sereno de menino com fome e medo do escuro. Paulo Tavira levanta-a pela mão, adianta sair da floresta de trevas, atravessar os espelhos: nada devolverá os amantes um ao outro, sequestrada e louca ela; preso ele, por Roçadas e Dambas de má sorte e morte. «*Longo é o braço da justiça...*» — sua esperança de noivo sincero, desfeitada. «*Maior a honra de Sousa Neto!*» — e velho Damasceno envelhecera, dizem, de á para bê, mas o intruso fora banido.

«*Ouves?*» — só ouvia o cheiro da urina na maquiagem e a música dos «Camundongos» do outro lado da casa. Ou os pássaros calados — voo assustado. «*É ela, a filha da puta à minha procura!*» — velha voz, rouca, faca de boto fio rasgando o silêncio. «*Cabra de merda! Puta!*» — Paulo ergueu o dedo, ela ainda quis rir, ranhos e fugas já. Como pássaro em gaiola — braços rasgados pelos picos das buganvílias da sebe, piar aflito. «*Pronto! Pronto!*» — segurava Teté tremida nos seus braços, terrorenta, fria. «*Ele disse que nossas estrelas assim é que queriam, vontade dos astros...*» «*Tenho medo, é de noite, é de noite!...*» — o já sacudido chorar de adulto, toso, miserável confissão, choro porco.

Mas era só uma criança — dos dez aos doze, pé descalço, o dedo na boca ainda que trazia. E uns olhos de adulto — lavados até ao fio das veiazinhas, passajados a lágrimas. «*Menina Teté...*» — voz de quem que pede e

pode mandar. «*Não vou! Não vou!*» — se agarrou a Paulo, tremia aterrorizada, o cheiro de urina nos dedos, na cara, em todo o corpo. E para ele, lucidez de relâmpago e escuridão de trevas, logo-logo: «*É a minha cipaia! Salve-me!... Surucucu sobe porque tem penas, é do céu, sabes? Ssssss...*» — o riso não atrapalhando o siso de seu receio. «*Menina! Vai nos bater, ansim...*» — choramingava a do outro lado. Era como a própria luz do sol, às tiras pelas buganvílias, rasgada nos picos e roxos florenhos, aquele terror — um ar de beleza, uma coisinha de nada. «*Bate-te?*» Ela fez que sim. «*Quem?*» «*O meu avô...*» — disse a miúda. E Paulo olhou Tereza, surpreso: a séria cara jovem velha e os mesmos outros olhos agora, de admirados: «*Onde estou?*» — perguntava ansiosa. «*Vamos, menina!*» — mas não se deixou levar às boas. «*Vê vê... Diz-lhe sim, diz-lhe que me bate mas que o espero sempre! Sempre!*» Desnudara o ombro, o longo traço do chicote de jifi no seio clareado jovem inquieto — e já morto nos olhos de Paulo, fibras de músculos e pele só, sem a inteligência do pudor razoável. A miúda choramingava sempre — que o avô Damasceno se ia saber, que Teté quem que fugira no quarto dela, o senhor vai embora só... Sequestrada então, à guarda de criança envelhecendo comumente, dias e sóis? «*E mais ninguém?*» Que não, só ela quem que guardava e tratava — dormiam juntas, tudo era juntas. «*Ó senhor, vai só embora!*» — Teté pendurando suas milflores por todo o cabelo, canção de enxaladar corações:

Ngai mu Alunga

O kindumbu ki-ngi-futami inama...

«*Toma! Não digas nada ao teu avô, tás a ouvir?*» — a miúda, dinheiro na mão, cumpriu logo aniversários. Que até seios pontudos já nasciam e o riso aquiuaiado. Devolveu-lhe, saliente: «*É pouco...*» — Paulo Tavira procurou os olhos de Teté, ela se enfeitava só, cantarola de outros mundos. «*Toma!*» — a nota como quem a prostituta recusada ou remorso, dinheiro em caixa d'almas. «*Adeus! Adeus!*» — a risita dela ainda de lá. «*Espero-te na gajajeira, diz-lhe, sim, meu amor? Diz-lhe...*» E depois, só a voz: «*Surucucu! Ngai mu Alunga! Ssssssss...*» Só o eco: «*Surucucu...*» — só o vento; o silêncio; a dúvida já: existira mesmo?

...e ventos da história sopraram sobre o musseque Cassualala.

«*Aka! Mu fesa ia 'mbundu, mindele ndumba!?!...*» — nga Tonha, quero dizer: dona Antónia minha senhora de antigamente velhíssimos onde que os matumbos armavam redes para apanhar comboios — acordada em buraco de silêncio, esfrega os olhos, não acredita. Sonho será, dos tais bagres apanhados em lodo de rio secante? Só um vento quieto, mudo bafo, gasolina e pó cobrindo memória de vento verde. Como um medo do medo que ainda não tem mas vem, esse sopro. Cospe — tantos brancos. Um é ele mesmo, sô Jerónimo, o que é branco antigo, de polícia de Luanda antiga. E o outro que é quileba, cabelo agrisalhado, voz de quem manda é ele. Fraca figura o figurãozinho menor, mas todo ele em saltos altos, óculos escuros. O jipe, lá fora, parado. Chofer lá,

parado. Filho Damasceno veio, abriu risos de cumprimentos, ainda ouviu: «*Surpresa! Meu amicíssimo inspector!...*» — a caminho da mesa, pessoal da terra se levantando, aquele mulato da fala ao contrário estrangeiro nos casos, rindo com sô Céu. «*Sukua!?*...» — a quinducutita não é que veio dar mão ao tal fracote cambuta, dos saltos? E se riem — só que o mais-velho deles diz qualquer coisa, a menina até escurece seus cabelos, na sombra do pau outra vez. Quem que eram? — para música parar, fim de festa; filho respeitoso em menequenos sérios, todos já de pé? E aquele rapaz, o da voz de diamba, agora lá junto com eles os três homens, separado e quieto?

Ele mesmo quem que respondeu, maneira de encher silêncio: «*Chefe Beltrão, da Internacional...*» E velho Damasceno, ainda teimante: «*Mas, inspector, uma bebida, uma perna de frango, à saúde! Seja bem-vindo!*» Todo ele selecto isso era, nada polícia, voz de igual para igual, lamentosa de seu fardo vital: «*Em serviço, caro Damasceno, nunca bebo. É como se, é como se, de sua proverbial hospitalidade, grato fico! E creia-me: ninguém lamenta mais do que eu...*» Que era pesado fardo de obrigação, sobretudo em casa amiga de amigo e a meio da festa. Mas que: «*Não podemos, infelizmente, descurar a segurança do bom povo angolano...*» — porque é que sá Kaveia ria, se não percebia? Sô Damasceno mexia pé e perna, queria ir, queria voltar; o brasileiro Belchior ainda regressando dos marufos, enforcava o grupo com sua caixa d'óculos. «*Inspector! Minha casa é um livro aberto. Leia; escolha — e sem piedade!...*» Revivia o chefe do posto Kidingu Kiajokota,

civilizacionador de gentios sertões ou muximava o outro, receio cadavez era, de ricochete de boato propalado? Pois tem sempre quem — e se afirmava, em escuros de lua nova ou beco mussequeenho: o muadié, com todas suas partes, era mais é do E.L.A., sócio-fundador — Elite para a Libertação de Angola. Ou: «*Enterro da Libertação de Angola*» — outros achincalhavam, invejosos separatistas, gentes de pé-de-quedes e analfabeta, claro, com seus preconceitos e panfletos. Como aquele ali, já à sombra do chefe Beltrão, o Kalanga. «*Farejei...*» — disse para Temístocles. «*Bem me queria parecer...*» E para Beltrão: «*Não seja indulgente, inspector! É preciso livrar a nossa boa sociedade africana desses vadios subversivos, incapazes sociais a quem os literatos de café chamam 'os proletários'...*»

Beltrão, ambas as mãos no ar — que não tinham vindo prender, ora-essa. Precisavam dum esclarecimento do Pinto da Silva, o Kalanga, aliás o Kalunganga ou o Marimbondão, ali já presente. Coisa de ir-e-vir, música continuaria. «*Mas... há surpresas...*» misterioso, sorridente. «*É aquele?*» — assurdinara a voz, dera d'olhos, o agente cambutita sacudindo pó de suas vistas: «*Bem!... É o único branco da festa...*» — e Tomás Dias Gomes se chegou a Olga, procurava a sombra. «*Oiça!*» — travado a meio caminho. O tal Beltrão ainda dubio, para o outro: «*Não corresponde, pá, ò Oliveira!...*» — que não, verdade era — onde a tal leninesca barbicha-e-bigode, de dar forte semelhança? «*Cortou-a, à cautela...*» — policial dedução de sô Jerónimo que de Maculusso fora e agora engolia cuspo só de cheiro de sobras de muamba.

Então, perante eles — chefe Beltrão, na dúvida a favor do réu; o cambuteiro Oliveira, querendo mandar mais que o chefe — compareceu o nacional Tomás Dias Gomes. E perguntado para responder à matéria negou-se e renegou-se. Sô Jerónimo, o outro, ofeçaide, ouvindo só os bons cheiros, chegou-se às mesas, às velhas. Que não e não — no que secundado por Damasceno: «*Amicíssimo inspector: conheço-o pessoalmente, ponho as mãos...*» «*Caro Damasceno*» — um tão cansado sorriso — «*se soubesse como é ingrata a nossa missão!*...» Pois nem tinha nada, ali, que corroborasse identificação, como queria? «*Temos fichas, caro Damasceno, à-primeira se desfaz engano. Virá connosco. Eu sei que custa, homem — mas pense que é para seu bem...*» Velho Damasceno quem que falava, o poeta esse só de olhos de Olga a agente-cambutita e vice-versa, seus pios todos perdidos. Ela quem que adiantou sorrisos e desculpas: «*Banito! Sou funcionária do CITA, sabes bem. Posso testemunhar...*» — Banito quem que era afinal o agente diminutivo, o dos saltos altos. Mas passou a quinducuta a seu chefe, hierarquias: «*Chefe! Conheço a senhora...*» — arrespeitava a intimidade. E o outro severo bondoso, se ela sabia o que eram pseudónimos? «*Minha senhora! Por favor — não meta lágrimas no assunto...*» Pois se ele era colaborador do CITA, se ele era tradutor e consultor e revisor e organizador — como ia deixar de chorar perante tal injustiça? Logo-logo Tomás quis crescer: «*Deixa, querida...*» Que não, não e não — ia xinguilar parecia. O chefe Beltrão, todo lealdades nos gestos dos braços: «*Nem ao menos um cartão de visita, para prova...*» No que o Mino, Enfer-

meiro, quis marcar pontos se avançou, prestável: «*Com sua licença, senhor inspector...*» — metia mãos em bolsos, procurava. Só que em Olga lágrimas eram lentes de aumento de esperteza — o Mino se torceu todo com o pontapé na canela, à surrelfa e ela sorridente nos acacimbados olhos derretendo cores. «*Mas não crê em mim? Não aceita o testemunho deste venerável ancião?...*» Amigo é ferro e íman: Damasceno cumpre dever de honra e hospitalidade: «*Sobre os Santos Evangelhos se precisa for — juro, inspector!*»

Aí, chegava-se à eterna luta do dever e da amizade — com chefe Beltrão revendo gentes, sério: o tal Kalanga, tão quieto, mosquinha morta, ali querendo virar formiga; o acusado — jurava que o tipo era morenã cambuta quando chegara, agora albino quase — calado, nada facinoroso; e tinha aquelas velhas, os olhos tão diferentes, como se poderiam ler? Imóveis, testemunhas de panos e anos. Restava o que nem podia-se falar assim, assistência não permitia — o argumento certo e seguro, cor inlavável da pele: o Tomás ou lá o que era, era o único branco na festa. E a informação fora categórica — bufo de confiança, de provas dadas, anos de serviço. «*Não está cá outro correspondendo à descrição...*» — ainda começou, circum-navegador de águas multicolores, digo, multirraciais. «*Um momento! Dá licença, chefe?!*» — sô Jerónimo fituca de lento, barriga vazia é má conselheira em ar perfumado de molho de quiabos. «*Oiça lá!*» — Tomás se recuou, o outro era alta fúria, vento maculussense renegado, segurou o poeta pelas barbas que não tinha. «*Barbas?!*». «*Barbas, sim! A barbicha, a porcária da barbicha-e-bigode à moda do*

teu patrão Lenine!...» Barbas — seco eco, Damasceno e Belchior, Alfa para Olga. «*Miezu, kamuezu...*» — o Temístocles desfumarava alcoóis em boa tradução e Céu Cai? Caiu!, irónico, gozão, segredou: «*Põe-nas de molho, agora?...*»

Mas: barbas; barbicha, bigode; balbuciava o banzo Tomás. Olga, boquiaberta, o Jerónimo já brincalhão, impante de acertar no alvo. «*Barbicha, pois claro? Cortou-a? Truques velhos!...*» E, meia volta em ar de quiabos olorosos, dedo todo riste para o chefe dele: «*Corto-os rentes, se não for o gajo...*»

Sorte de os de sô Jerónimo é diabo ser surdo e mudo — no Tomás as barbas arderam, alumiamaram inteligência, sua cor morenada até voltou. Saiu em gritos, xalado. «*Paulo! Paulo! Oh, Paulo!*» — quem que tinha ido verter águas e por lá ficara e era ele o chamado de tantos não escolhidos, ali. E varria o ar com seus braços, os velhos se afastaram em ácas, Ala-dos-Namorados se ria, mesmo no perigo — Tomás Dias Gomes deu de espreitar em baixo de mesa, até. «*Paulo!*» — berrava, os policiais devidamente banzos. Mas nem há paulo nem pedro; se sentou em cadeira, mãos nos olhos: «*Fugiu! Fugiu! Fugiu só para m'encalacrar!...*» Ia chorar? A menina Olga veio, sussurreou-se: «*Calma, querido, calma! O meu amigo Banito conhece-me, vais ver, desfaz o engano...*» Mas quem muito clama sempre será ouvido é das escrituras.

E ele veio — cançãozita de Teté em seus olhos, ainda. Veio e deu de caras. «*Ora agora sim!*» — chefe Beltrão, olhar misericordioso no agente Jerónimo. «*Agora, sim!*» — barbicha e bigode à Vladimiro Ilitch, o

cachimbo fumegoso, os tão vivos olhos calmos. Seu andar apressado, voz clara: «*Orlando, quê?*» Não senhor: Paulo Tavira, empregado comercial, se apresentou. Com certeza — que pseudónimos não usava — mas se era para ir, iria, quem não deve não teme. «*Veremos!*» rosneou Oliveira. «*Vamos, chefe?!*» Chefe Beltrão honra lhe seja, era fino diplomado do mundo: «*Caríssimo Damasceno, como lamento!*». O velho, amulumbado pelos casos, ergueu a espinha, revivo. «*Por quem é, inspector. Sou chefe-de-posto aposentado, sei nossos deveres...*» — segurara braço do outro, confiança de mais-velho, afastava. E em segredo qualquer coisa, nga Mabunda nem percebera e por perto estava. «*Claro, claríssimo. O meu amigo continua em forma, sim senhor!*» — que era conselho de mestre, condutor de homens e factos. Já que brasileiro em festa tinha, cuidados eram poucos eram — diria.

E disse:

«*Minhas senhoras e meus senhores...*» — que era com profunda dor que interrompia assim festa de família por assunto de só rotina. «*Mas ordens, são ordens: e eu recebi-as de cima.*» Aclarear um ponto, em investigação importantíssima. «*Meu excelentíssimo amigo aqui presente, Damasceno de Sousa Neto, a quem devo tantos favores, saberá dizer-vos melhor do que eu o que são estes dolorosos momentos em que temos de cortar o ramo podre para que a árvore não seque, nos dê sempre seus formosos frutos...*» Se inclinavam cabeças, concordes, velho Temístocles já puxando aba de casaco, se endireitando — queria dar resposta, mostrar que angolense pode ser tudo menos ingrato. E era gratidão que

todos ali sentiam — afirmaria e reafirmaria — pela acção de justa vigilância da tranquilidade dos bons angolenses como ele. Chefe Beltrão, modulador, se chegava a fins, subira tom: *«Nós somos os incompreendidos amigos do povo anónimo! Mas a vós, senhoras e senhores, da velha guarda, cumpre desviar vossos filhos e parentes dessas juventudes comunizadas, alicerçá-los no respeito pelos velhos valores da tradição que deu mundos ao mundo. Severos somos, é verdade! — mas é severidade de pais, a severidade do amor!...»* Acabara, sem palmas, respeito só — mas se ouviu gargalhada primeiro, silêncio banzo depois. E a aparição, logo-logo — grande e maravilhoso sinal sobre a terra, fim-do-mundo: a rota e descalça filha louca, a poeira sacudida de seus pés, coroa e grinaldas de flores gentias, sua cançãozita etérea. *«Vavô, perdoa! Perdoa, só. Me firiu...»* — carcereirita correndo, rojada já nos pés de Damasceno, adamastórico levantado, transfigurado. Corria o sangue do sobrolho infantil, a miúda se torcia cobra sob chicotes futuros. *«Perdoa, perdoa, vavô!...»* De pèdra e cal, velho de antigamentes de educação, só levanta o braço, ordem: *«Agarrem-na!»* — e o ar se enche de gritos e berros, corridas, cerca-cerca, tilinto de copos; nos menores, risos e brincadeiras tudo era em seus olhos. *«Surucucus!»* — ésses e ús de sopro e uivo, vento estórico. Se corria em roda e amplamente, centro sendo a brancassuja bata, floridas grinaldas esvoaçantes, pedras e paus, areia enchendo o ar verde da tarde. *«Agarra! Agarra!»* — Damasceno não mexera milímetro, só grito cadenciado, incito. Ódio? De ferro e tempo, Kidingu Kiajokota invade, estático, lavras rebeldes, impõe civilização na

tarde subvertida — a seixa encurralada, rola os olhos e se rasga, seios descobertos. *«Surucucus!»* — um só ésse uivado. E os menores tropeliam por todo o lado, a mesa se virou em outros gritos de vidros e louça. Confusão; ordens, contra-ordens. Chovem detritos — cascas; ossos; espinhas; cascabulho de dendéns, é uma chuva de fogo sobre as nações em debandada. E cobrindo tudo a trombeta do anjo: *«Suruuuucucuuuuu...»* Pânico: são pedras e vidros — voam pratos, copos, os estilhaços cravam-se na pele do vento, tropear de sapatos calçados. *«Kuata! Kuata!»* — no seu posto, sem músculo mexer, o braço longo do venerável ancião Sousa Neto, é símbolo de resistência à lavagem da honra.

Se ataca novamente, ofensiva — de toalhas e cobertores para defesa e sufoque, camisa de forças. Mas, cadê? Trincheira está abandonada; os tambores de lixo, virados; mudos os caixotes. *«Cuidado!»* — segreda Temístocles. Jinguinha escolhe hora de chorar assim: *«Não lhe façam mal, não lhe façam mal!»* — e, interim, choro ainda acorda coração: caçar mulher parece é bicho de mato? *«Zinha! Venha cá!»* — a voz é calma, serenidade que abre a boca a chefe Beltrão e seus apaniguados guardando Paulo e Kalanga atrás do tamborineiro. *«Zinha! Vai buscar a minha caçadeira!...»* — Damasceno de Sousa Neto, homem de antes matar. *«Não!»* — mana Mabunda, olhos de pomba, salta. E se avança, entre cobardes acachados — ranger de sandálias de bessangana, o fuafuar dos panos no vento do seu ir: *«Teté?! Teté?!... Vem só, minha filha, ninguém que te faz mal!...»* Silêncio. *«Sou eu, Teté, a madrinha.»* — riso? choro? canto? ou o roçar de qualquer coisa em coisa

qualquer, ruído palhudo? «*Eu, Teté! A madrinha! Eme ami...*» — é riso, sim. Gargalhada do alto, superior. «*Surucucus sem sede...*» — como que subiu, empoleirada em telhado da casota da cozinha, ninguém sabe. Sá Kaveia aí abre os olhos foscos, treme de feitiços, menina voou no raio. «*Cerquem!*» — ele mesmo vem, sem corridas, capacete e laço. Comandante: «*Cerquem!*» Debaixo do pau de tambarinos só Belchior e Alfa ficaram, de mãos dadas. É o fim: a escada vem, o noivo se oferece, valentisco, para a missão. «*Não lhe façam mal! Papá, promete!...*» Jinguinha chora nos braços da tia Mabunda. «*Silêncio! Quem lá vai sou eu!*» — pés firmes nos degraus, o vento do silêncio voando borboleta de seu laço. «*Menina Tereza!*» — e todos sentem o quente ferro da morte em ordem de nome simples cristão. Ordem; julgamento; sentença sem apelo, só agravos: «*Tereza! Cá p'ra baixo!...*» Caem as flores da coroa desfeita; os olhos viram já rolas prisioneiras dum medo que é só silêncio e fúria, ainda — cobre o seio nu, cambaleia. «*Teté! Desce! Sou eu, a madrinha...*» — só tia Mabunda podia humanizar silêncio de seu irmão Damasceno. «*Sssssssss...*» — a louca ainda procura força de ficar de pé mas a tarde esfria. Se abaixa; a tristonha risinha dela; as pernas todas nuas.

Ndé mu Alunga, uasumbe o mbirikitu
 Ngai mu Alunga o kindumbu ki-ngi-futami inama...

E só então, humilhada e muda, como quem esmola recebe, caga nas mãos em concha — e asperge essa

bênção excremental na estúpida face do pobre mundo outra vez em fuga.

Do outro lado do quintal e da vida, à sombra da mandioqueira, nga Tonha dia Kaj'vintém — e para sempre perdoe, senhora dona Antónia de Sousa Neto, mãe, esposa e mulher de raras virtudes (8-5-1885 / 15-5-1972) como rezeirá lápide em Alto-das-Cruzes — deixa cair o inútil cachimbo do passado e começa a chorar pela última vez aos oitenta e sete anos de idade.

Eram três e meia da tarde, sábado da era do senhor dos exércitos, das crianças e dos loucos — a vida continua.

Tarrafal 8-5/15-5-1972

VOCÁBULOS

A

ACACHADO — tapado, coberto

À-COTA — mais-velha (a primeira mulher dum polígamo)

AIBENCA — avenca

AMBAQUIZAR — tornar gongórico, retórico (que é o estilo de fala e escrita de ambaquistas). *Ambaquista* — natural da região de Ambaca, cujos naturais são conhecidos pela sua arte oratória e mania requerimentista; *irón.* — aquele que reclama por tudo.

AMULUMBADO — corcunda, curvado

ANANDENGUE — crianças

AQUIUAIADO — aputado; com ar ou maneira de puta

ARREGUENHAR — ameaçar

ASSAMBIZANGADO — ao modo dos de Sambizanga (musseque de Luanda)

B

BAGRE — peixe do rio, que vive no lodo

BAILUNDO — indivíduo do povo Bailundo (subgrupo do grupo etno-linguístico Mbundo ou Ovimbundo, localizado a meio da metade ocidental de Angola). Tb. bailundense

- BALAIÓ — cesta
 BANGA — ademanos de vaidade
 BANZO — espantado
 BARROS — areias, terras
 BASSULA — golpe de luta de pescadores em que se derruba o adversário com um jeito de corpo
 BÊ-Ó — abreviação de Bairro Operário (bairro de Luanda)
 BERRENTA — a que dá berros
 BERRIDA — corrida, fazer fugir
 BESSANGANAS — mulheres luandenses, normalmente de idade, que mantiveram o uso dos panos, vestuário tradicional. Bessangana é «beça, ngana!» («a sua bênção, senhora!»), porque assim eram saudadas, à moda antiga
 BIENO — do Bié
 BILHA — berlinde
 BINDA — pequena cabaça
 BISSAPA — arbusto
 BOMBÓ — mandioca que, descascada ou não, conforme a região, fica de maceração uns quatro dias, podendo ser seca ao sol ou não, também conforme a região. Come-se assada, acompanhando qualquer alimento. De «kubombeka» — pôr de molho.
 BRINCOS-DE-MULATA — flores de arbusto de jardim, comum em Luanda
 BRUGAU — corruptela de burgau
 BUFIO — bufo, sopro, ar
 BUNGULAR — saracotear-se. Aportug. de «kubungula»

C

- CABEBELE-TAXI — jogo de pedrinhas comum em Luanda e arredores
 CABEÇA-DE-PUNGO — peixe bastante abundante nas águas de Moçâmedes; por extensão, os naturais de Moçâmedes
 CABETULA — dança de carnaval, tradicional
 CABIRI — diz-se dos cães rafeiros, vira-latas. Kabiri ou Kabidi,

- povoação de Icolo e Bengo, perto de Luanda, onde se encontravam boas galinhas nativas (aclimatadas) que se dizem «cabiris»
 CABRITA, CABRITO — diz-se dos filhos de mulato e branco
 CABUNGA — classe escolar atrasada, pré-primária
 CACUSO — natural de Kakusu (prov. Malanje)
 CACUSSO — peixe de que existem duas variedades: uma do rio, outra do mar. De «kukusuka» — ser encarnado. Alusão à coloração
 CADAQUAL — cada um
 CADAVEZ — talvez
 CAFOFO — cego, invisual; diminutivo de quifofo, ceguinho
 CAFREALIZADO — africanizado (depreciativo)
 CAFUCA — insecto que, na areia solta, se esconde fazendo um vórtice onde caem outros que devora depois
 CAFUSO — filho de preto e mestiço, que escurece
 CAHOMBO — jindungo grande. O jindungo pode ser de cahombo e de calequeta. O primeiro é arredondado, com um cheiro a cabra, de onde lhe vem o nome («kahombo» = cabrito). Dado, o seu cheiro característico, o jindungo-de-cahombo reluta muita gente. Contudo, é bastante saboroso
 CALEMA — ondulação marítima bastante agitada
 CALEQUETA — jindungo comum, normal. O jindungo pode ser: de cahombo e de calequeta. Este, oblongo, é bastante picante, razão do seu epíteto, por alusão à circunstância de, com o ardor, se deitar a língua de fora — acto que, quando visando a prova de um alimento, se denomina, em quimbundo, «kuleketa»
 CALUANDA — natural de Luanda
 CALUANDANO — idem
 CALUNDU — do quimbundo «kalundu, kilundu/ilundu» — espírito. Mesmo sentido
 CAMABUÍNHÍ — o que não tem dentes; o que tem falhas de dentes.
 CAMAUINDO — o que tem o pé cheio de pulgas ou buracos, feridas provocadas por pulgas (bitacaias)

GLOSSÁRIO

- CAMBOTERMOS** — desavergonhados, sem vergonha
CAMBUTA — baixo, pequeno. Do quimbundo «kambuta»
CAMBUTITA — diminutivo de cambuta
CAMUDONGO — nome dado aos naturais de Luanda, especialmente pelos habitantes do Sul e que envolve um certo sentido pejorativo. Natural da região abrangida pelo antigo reino do Dongo, que ia de Kalandula a Luanda. Deturpação do Umbundo «oka» (depreciação) + «mu» (naturalidade) + NDongo (o dito território)
CAMUELO — invejoso, açambarcador, o que não gosta de dar, o que não é generoso. Do quimbundo «muelu» — soleira da porta; por extensão, alusivo à estreiteza
CANDENGUE — «ndengue» é o mais novo, jovem, criança
CANGUNDO — branco de baixa condição, ordinário
CAPARANDANDA — muito antigo, antepassado
CAPUTO — «puto» é português, o governo português, portanto branco português
CAQUINDA — cesta pequena
CARIBALA — careca, calvo. Do quimbundo «karibala»
CASCABULHO — a palha que resta do descascar do dendém
CASSAFO — galinha ordinária; que tem as penas eriçadas; que não é de raça
CASSÊXI — corçazinha, pequeno antílope
CASSULA — último filho. Nome dado a esse indivíduo
CASSULE — o mesmo que «cassula»
CASSUMBULAR — tirar, por meio de jogo infantil, a cassumbula
CATETENSE — natural de Catete (perto de Luanda)
CAÜETO — aquele que usa vestuário muito apertado, à moda dos anos 20/30. De «kuuhetuka» — ficar muito justo
CAXINJIANGUELE — esquilo; pequeno roedor que mora nas palmeiras
CAZANGA — ilha do mar de Belas (Corimba)
CAZUCUTA — dança de carnaval com muito ritmo e pouca melodia
CAZUMBIL — neologismo de L.V. Alma do outro mundo. Aportuguesamento do quimbundo «nzûmbi», resultante de «kuzumbika», importunar, perseguir.

GLOSSÁRIO

- CHICRONHA** — natural do Lubango. Corruptela de «colono»
CHIPANZO — chimpanzé
CHITACA — pequena fazenda, geralmente hortícola
CHUVA-DE-CAJU — é um chuveiro real que pode durar um mês e que antecede as verdadeiras grandes chuvas (Janeiro e Fevereiro) e que volta a cair depois. Mas chega para fazer nascer folhas novas aos cajueiros, e flor! Daí, chuva-de-caju.
CINZIDA — cinjida de cinza
COCHILAR — dormir, cabecear
COMBAIRRO — do mesmo bairro
CONTRATADO — trabalhador sujeito ao regime de contrato, a forma dominante de trabalho a que eram sujeitos os trabalhadores africanos durante o regime colonial e caracterizada pela arregimentação compulsiva feita pelas autoridades administrativas a favor de empresas privadas e pela exploração brutal
CUATADO — corrido, expulso. De «ku kuata», expulsar, correr atrás
CUBAR — rogar pragas, geralmente batendo as mãos no chão ou alçando-as encostadas a par. Para maior eficácia, o encanto deve ser feito em lugar consagrado a ídolos, ou na igreja, ou no cemitério.

D

- DEMBADO** — região, área sob a autoridade de um Dembo (grande chefe tradicional)
DIÁ-KASÓDIO — qualidade de abóbora
DIÁ-KIMBUANGO — qualidade de abóbora
DIÁ-KIMBUATA — qualidade de abóbora
DIAMBA — erva que se fuma, cânhamo, marijuana
DIAMBEIRO — o que fuma diamba
DICANZA — instrumento musical, espécie de chocalho de bordão de um metro de comprimento. É transversalmente sulcada a todo o comprimento, sendo oca a parte central, pelo que se talha uma abertura na face posterior. Maneja-se pelo atrito de uma vara delgada

GLOSSÁRIO

DINHANGUA — abóbora
 DINHUNGO — espécie de abóbora que se usa nos cozinhados
 DIUTA — o mesmo que riúta, cobra venenosa existente em Angola
 DIXITA — do quimbundo «dixita» — monte de lixo, lixeira.
 Mesmo sentido

E

ENXALADEAR — tornar xalado, louco, doido. Tb. xaladear
 ESFÍNGIDO — esfíngico fingido, fingindo esfinge
 ESLOCHO — de «slosh» (João Guimarães Rosa) — ruído de coisa lamacentas

F

FEFENHAR — chupar ossinhos/espinhas com ruídos de prazer
 FERRÃO — espécie de andorinha
 FIMBA — mergulho. Do quimbundo «fimba»
 FIOTE — grupo etno-linguístico da região de Cabinda
 FITUCAR — ficar zangado, bravo
 FORRA — livre; liberto; não escravo
 FUAFA — ferver; espumejar na fervura
 FUAFO — espuma
 FUAFUAR — espumar, fazer espuma
 FUBA — farinha (ordinariamente de milho, massambala, massango, mandioca e batata-doce)
 FUCUMBA — rola (pássaro)
 FULO (-A) — filho de mulato e negro
 FUNGUSSADA — mistura, misturada. Do quimbundo «ku fungi-sa» — misturar
 FUNJE (OU FUNJI) — massa cozida de farinha, denominada fuba, geralmente de milho, massambala, massango, mandioca ou batata-doce. Acompanha várias iguarias. Pelo seu poder de saciedade, entra diariamente nas refeições das pessoas de recursos mais escassos

GLOSSÁRIO

G

GAIAVA — goiaba
 GAJAJA — fruto da gajadeira, muito ácido
 GAMARTO — calão para português recém-chegado a Angola
 GANGA-ZUZENSE — natural de Nganga-Zuze (Icolo e Bengo)
 GAPSE — golpe de luta

H

HONGA — baixa cultivada com canteiros de horta

I

IÁ-NDENGE — mais-novo; menor
 ICOLIBÊNGUICO — relativo a Icolo e Bengo, região próxima de Luanda
 ILUNDO — em quimbundo «ilundo» é o plural de «kilundu» — espírito
 IMBAMBAS — cargas, pacotes, embrulhos, coisas. O mesmo que «bicuatas», em linguagem de formação umbunda
 INFUNDÓRIO — o mesmo que «funje»
 IXIMBI — plural de «Kiximbi» — espírito tutelar que habita as águas

J

JA-SAMBA — de samba, qualidade de jindungo
 JIBUIA — barulho, confusão
 JIFI — planta fibrosa que serve para fazer artesanato; fibras que servem de chicote
 JIMBOA — erva que serve para a alimentação

GLOSSÁRIO

JINDUNGO — fruto de jindungueiro, malagueta pequena
 JINGONDO — jingado, ouro falso
 JINGUBA — amendoim
 JINGUNA — insectos que saem após a chuva, formiga de asas
 JINZÉU — formiga preta que morde muito
 JITOJITO — a ardência do jindungo
 JONJAR — comer debicando, aos poucos. Do quimbundo
 «kunjonja»
 JUJUTO — corruptela de «jujutsu»
 JUNCO — rabo-de-junco, passarinho de cauda comprida

K

KINAXIXI — antigo lugar de Luanda

L

LAMBANÇA — barulho, confusão
 LEIO — alheio, que não pertence ao próprio
 LOBITANGO — do Lobito
 LOGO-LOGO — imediatamente
 LUANDANO — natural ou oriundo de Luanda
 LUANDO — esteira de papiro que se enrola na longitudinal

M

MABUBA — cachoeira, cascata
 MABUÍNHÍ — gengiva sem dentes
 MABUÍNHICO — de mabuínhi, o que não tem dentes
 MABUNDA — trouxa, pacote, embrulho
 MACA — confusão palavrosa, discussão acesa. Do quimbundo
 «maka» — conversa, fala, palavra, dito
 MACANHA — tabaco

GLOSSÁRIO

MACULUSSENSE — natural do Maculusso, antigo bairro da cidade de Luanda
 MACINHATANO — quer dizer: quinze. Dizia-se das moedas equivalentes a 1\$50
 MACUTA — antiga moeda, com diferentes valores, que circulou em Angola até aos anos quarenta do nosso século
 MAFUMA — mafumeira
 MAFUMEIRA — árvore de folha caduca na época da floração, atingindo 30 metros de altura, e mais. Da penugem que reveste as suas sementes faz-se a sumaúma, e o caule é aproveitado, por escavação, para o fabrico de canoas.
 MAIS-VELHO — ancião, patriarca, pessoa que pela sua idade é cheia de saber e experiência e credora de respeito
 MALANGINO — natural de Malanje. Tb. malangense
 MALEMBELEMBE — muito devagar, com cautela. O mesmo que malembe-malembe
 MANGONHEIRO — preguiçoso, indolente, lento
 MANHENTO — que tem manhas, malicioso
 MAPUPO — uma espécie de abóbora semi-selvagem pouco utilizada na cozinha
 MAQUILAGEM — disfarce cosmético, maquilhagem
 MARIMBONDO — vespa
 MARUFO — vinho de sumo de caju, ou de seiva de matebeira, palmeira, palmito ou bordão. Tb. *Maruvo* ou *maluvo*
 MASCARIA — magicaria, práticas de magia
 MASÔXI — lágrimas
 MASSAMBALA — milho-miúdo; utiliza-se na fabricação da fuba
 MASSANGANO — confluência
 MASSEMBA — bailado angolano, caracterizado por sembas (umbigadas)
 MASSUÍCAS — pedras que servem de trempe. Trempe regional
 MATUENSE — aquele que é natural do mato, no sentido de interior de Angola
 MATUMBO — indivíduo boçal, de costumes grosseiros, selvagem, ignorante
 MATUTO — o que «matuta», i.e. pensa
 MAZÔMBICO — mazombo; apagado, sem genica, estúpido

GLOSSÁRIO

- MAZOMBO — estúpido, tímido, parvo
MENEQUENO — adeus, gesto de despedida, saudação
MILÉLICO — de «milele» — panos que se usam como vestuário
MILONGO — remédio
MIONDONA — espíritos tutelares de cada pessoa
MISEKE — plural do quimbundo «museke» — musseque
MOMA — jibóia, grande cobra
MONANDENGO — o mesmo que «monandengue»
MONANDENGUE — criança, filhinho
MONANGAMBA — todo o que se dedica a trabalhos pesados, serviçal, carregador, estivador. Do quimbundo «mon'a ndenge» — filho de carregador
MUADIÊ (ou MUADIÊ) — senhor. Do quimbundo «muadi» — amo, senhor, patrão
MUAMBA — guisado de galinha, ou de carne de vaca, ou de peixe, adubado com água oleosa de dendém. Come-se com funje ou arroz-branco
MUANZA — árvore que dá sombra ao café; mogno
MUBAFO — qualidade de árvore resinosa
MUBANGA — qualidade de árvore
MUBUBA — árvore
MUCAMA — escrava, reduzida a concubina pelo patrão
MUCEFO — qualidade de tamarindo mais ácido
MÚCUA — fruto do imbondeiro
MUCUETO — amigo (do quimbundo «mukuetu» = nosso amigo)
MUENANTE — indivíduo meio boémio, meio vadio. Em Luanda é um tipo que entra nas festas e come sem pagar. Provavelmente com origem no português «moinante»
MUENEXI — o dono, o senhor da terra
MUFUMA — o mesmo que mafumeira
MUFUMEIRA — o mesmo que mafumeira
MUNGENCE — gajajeira
MUNGUBA — árvore de boa madeira
MUNGUELAS — árvores de boa madeira
MUQUIXI — dançarinos tradicionais, disfarçados
MUSSALO — peneira de palha, em forma de garrafão, com o fundo crivado. Do quimbundo «kusala» — peneirar

GLOSSÁRIO

- MUSSOLO — é um peixe de rio que vive nas lagoas e nos rios, que no tempo seco fica metido no barro, daí o seu sabor característico
MUSSORONGO — um dos povos do grupo Kikongo
MUSSUEMBA — árvore
MUSTIÇADA — o mesmo que «mestiçada»
MUTAMBA — tambarineiro
MUTETA — prato regional angolano. Almôndegas de pevides de abóbora
MUXACATO — objecto que os feiticeiros e os quimbandeiros utilizam para a adivinhação. Compõe-se de um pedaço de aduela, de uns vinte centímetros de comprimento, com uma concavidade longitudinal ao centro, onde, por atrito, se faz correr em toda a extensão um pauzinho denominado filho. Do quimbundo «kuxakata» — arrastar os pés. Alusão ao friccionamento
MUXILUANDA — designação do grupo étnico que habita as ilhas do Mussulo e de Luanda; distinguem-se dos da cidade, os chamados caluandas, que vivem nos musseques
MUXIMAR — lisonjear, gabar, falar ao coração
MUXITO — mato, floresta, matagal, selva
MUXOXAR — fazer um ruído de desprezo com os lábios, de um modo característico
MUXOXO — chio de boca manifestando desprezo, produzido por compressão do ar nas bochechas. Do quimbundo «kuxoxa» — escarnecer
MUZONGUÊ — caldo, sopa
MUZUNGE (ou *mutсанджи*) — árvore madeireira

N

- NGA — abreviatura de «ngana»
NGANA — senhor/senhora
NGOMA — tambor comprido, aproximadamente de um metro e meio, feito de cepo desmiolado de mafumeira, adelgçado

GLOSSÁRIO

numa extremidade que fica aberta, e, na outra extremidade,
vedado com pele tensa de veado ou corça
NITRIDOS — ruídos de bestas

O

OITIVA — de ouvido

P

PALAVRA-PODRE — palavrão, obscenidade
PARTIOSO — cheio de partes, de manias, de poses
PAU — árvore
PAU-A-PIQUE — método de construção em que o esqueleto é de
pau e canas que se barreiam
PÉ-DE-QUEDES — pé calçado com sapatilhas de pano e borracha
PICA — colibri (passarinho muito pequeno)
PIGARÇO — grisalho
PILÃO-E-MUSSALO — de ser feita no pilão e depois peneirada
pelo mussalo, peneira tradicional
PÍRULA — pássaro angolano
PLIM-PLAU — pássaro de grande cauda

Q

QUEDE — sapato de pano e sola de borracha, ténis
QUIABO — fruto do quiabeiro, muito usado na culinária angolana
QUIANDA — sereia, divindade aquática
QUIASSA — diz-se, em quimbundo, de uma pessoa albina
QUIBABA — árvore de boa madeira
QUICONGUENSE — pertencente ao grupo etno-linguístico dos
Kikongos, correspondente à zona de Cabinda e Noroeste do
território angolano
QUIENZE — separação exagerada entre dois dentes.

GLOSSÁRIO

QUIÊNZICO — com «quienze»
QUIFUANE — árvore de boa madeira
QUIFUFUTILA — mimo muito apreciado, feito de jinguba, açúcar
mascavado e farinha torrada, tudo pilado e reduzido a pó
finíssimo
QUILAMBA — o que sabe interpretar augúrios de quianda
QUILAPANGA — dança antiga, possivelmente de origem san-
-tomense
QUILEBA — alto, colocado alto. Do quimbundo «ku leba» — ser
alto.
QUILUMBA — moça, rapariga nova
QUIMBANDEIRO — curandeiro, adivinho-curandeiro
QUIMBANDESCO — vem de «quimbanda». Criação
QUIMBIAMBIA — borboleta
QUIMBIÂMBICO — relativo ao esvoaçar da borboleta
QUIMBO — pequena povoação; aldeia
QUIMBOMBO — bebida fermentada de milho, mais forte que o
quitoto
QUINADO — vinho português assim chamado por conter, em
mistura, quina
QUINDA — do quimbundo «kinda» — cesto. Mesmo sentido
QUINDAMBIRENSE — natural de Kimdambidi
QUINDELE — chama-se assim à fuba muito branca, especial-
mente de milho
QUINDUCUTA (tb. QUINDUCUTITA, QUINDUCUTINHA)
— baixota e gorda
QUINDUCUTESCA — de quinducuta
QUINDUMBA — cabeleireira. Do quimbundo «kindumba» —
penteado, toucado
QUINJONGO — gafanhoto. Noutra acepção, designa o tecido de
má qualidade
QUIPIA — o buraco que, no jogo do berlinde, faz perder tudo ao
que lá caia
QUIPÓIA — tipóia
QUIPUPO — tarolo de milho
QUISSEMO — do quimbundo «kisemu» — dito jocoso, crítico ou
insultuoso

GLOSSÁRIO

- QUISSONDE — formigão avermelhado, de mordedura dolorosa
 QUITANDEIRO(-A) — aquele(-a) que vende na quitanda.
 Pequeno(-a) negociante, vendedor(-a) ambulante. De «quitanda» — mercado, feira, praça, posto de venda de géneros frescos, pequena loja ou barraca de negócio
 QUITEXENSE — natural do Kitexi (Quitexe)
 QUITIBA — árvore das matas dos Dembos
 QUITOTO — bebida fermentada de milho, mais fraca que o quimbombo
 QUITUTA — génio; vive por toda a parte
 QUITUTE — doce; especiaria; guloseima
 QUIXIMBI — o mesmo que quianda
 QUIZOMBA — dança animada, alegre, movimentada

R

- RANGELISTA — do Rangel (musseque de Luanda)
 REVIENGA — movimento rápido de finta e engano

S

- SÁ — abreviatura de «senhor» (português popular de Luanda)
 SACAFOLHAS — esparregado de verdura qualquer, quizaca
 SAFÚ — fruto silvestre muito doce
 SALALÉ — formiga branca, térmita
 SAQUIDILO — cumprimento, saudação
 SERIPIPI — o mesmo que «celeste» — passarinho canoro muito comum em Angola
 SEXA — cabra selvagem de pequeno porte, corça
 SIRA — acácia-sira, uma das espécies desta árvore
 SOSSO — ensosso
 SUMBO — pássaro parecido com o martim-pescador
 SUPIMPA — de bom gosto, que sabe bem
 SUPIMPEZ — de supimpe, a qualidade

GLOSSÁRIO

T

- TACULA — árvore que atinge grande altura, de madeira vermelha ou esbranquiçada com veios vermelhos e muito usada em marcenaria
 TAMARINDO — o mesmo que tambarino
 TAMBARINEIRO — árvore frondosa que dá tambarinos
 TAMBARINO — fruto do tambarineiro, bastante ácido
 TIMÓTEO — nome próprio usado como adjectivo à toa. Neste caso refere-se a Timóteo Amadeu Amorim, grande batucador de ngomas, do «Ngola Ritmo»
 TONGA — zona demarcada nas fazendas, para desbravar
 TOPIA — galhofa, gracejo, troça, mofa
 TORTOLHOS — olhos tortos
 TRIPETENTE — repetente mais uma vez

U

- UABILUKAR — visão, transformar-se, metamorfosear-se
 UATOBAR — do verbo quimbundo «ku toba» — fazer pouco, caçoar
 UATOBO — gritos, exclamações que se dão gritando: «uatobo!» («és parvo!») e batendo com a mão aberta na boca.
 UATOUARINHA — muito doce, suave, terno. Do quimbundo «ku touala» — ser doce. Tb. uatouadinha e iatouarinha

V

- VISGO — cola vegetal, resina de mulembeira
 VUZAR — bater, agredir

GLOSSÁRIO

X

- XACATADA — arrastada («ku xakata» — arrastar os pés)
 XACATO — substantivo formado a partir do verbo «xacatar» —
 arrastar os pés
 XAXUALHO — rumorejo, sussurro
 XAXUAXO — rumor, sussurro
 XINGAR — proferir obscenidades, injuriar, ofender com palavras
 XINGILADORA — que invoca os espíritos, médium
 XINGO — insulto
 XINGUILAR — sofrer a incorporação de seres espirituais, cair em
 transe
 XINGUILO — acto de entrada em transe
 XUAXO — sussurro, arrulho, rumor
 XUCULULAR — revirar os olhos, como demonstração de rancor
 ou desprezo

Z

- ZUARTE — ganga, espécie de tecido azul
 ZUNIR — atirar, arremessar, andar com velocidade
 ZUZUTO(-A) — parvo(-a), aparvalhado(-a)

EXPRESSÕES EM QUIMBUNDO

- Abixila, abixila kiá* — Chegaram! Já chegaram!
Ácas-ácas — Aka-aka (exclamação de espanto)
Aiuê! — Ai, meu Deus! Ai, minha mãe! Ai!
Aka! Mu fesa ia 'mbundu, mindele ndumba!? — Xiça! Numa festa
 de pretos, tantos brancos?
Dixibeno! — Calai-vos! Calem a boca!
Eme ami... — Eu mesmo, eu próprio...
Euê! — interjeição de espanto
Eye katetiwile evamba — Tu não foste circuncisado, tu não
 passaste pela circuncisão
Fêjá ia maji a ndende... — feijão de azeite-palma...
Henda 'xala! — A saudade fica! A saudade permanece!
Ialozo-é! — Dispararam-lhe!
Ih! Sucuama! — Ih! Xiça!
Kadisu! — Olhinho (alcunha para quem tem 1 só olho = Zanolho)
Kadotorito kiá — Já era um doutorzito! (um quase doutor)
Kala dia tubia, ndumbu de merda! — Uma brasa, puta de merda!
Kala dia tubia, songa diê! — Uma brasa, porra! (*songa diê* = o teu
 clítoris)
Kala muhatu undumbu ua-mu-iza... — Como se fosse mulher
 menstruada...
Kana, vavó! — Não, avó!
Kianda! — Sereia! (ente sobrenatural que habita tudo quanto é
 água)

GLOSSÁRIO

Kiangangama mu kanu, kiatouala mu muxima... — O que amarga na boca, é doce no coração...

Kinama! — à letra: Perna! «Perninha» (alcunha)

Kinaxixi Kiami! — Meu Kinaxixi!

Kindumba kala mavinji ma kilombo-kihasa... — Cabeleira (penteado) como se fossem pentelhos de albina...

Ki ngibanza ngidila

Aiuê, ki ngibanza, ngidila, muadi! —
Quando penso nisso, choro
Ai, quando penso, choro, senhor!

Kuala kizomb' é kia mazalala... — Estamos na dança da centopeia...

Kuata! — Agarra!

Kukuata ngó o jinhoka — Basta apanhar as cobras

Maka a mindele... — Assuntos de brancos...

Mazalala! — Centopeia! (título de uma canção)

Miezu, kamuezu — Barbas, barbicha

Mu fêjá ngëvuami hanji o kioho — O feijão ainda não está esturrado

Mu vinhu iadikindiê, jinji jasaluka jadibalemu — É no pouco vinho que caem as moscas malucas

Ngana iami ua-ngi-ambela Kiki:

Ndé mu 'Alunga uasumbe o mbirikitu

Ngai mu 'Alunga, o kindumbu ki-ngi-futami inama... —
O meu senhor disse-me assim:
Vai ao mar (morte) comprar um cobertor ordinário
Fui ao mar (morte) o cobertor não me tapa as pernas

Ngi-bekele kala dia tubia — Traz-me uma brasa! (para acender o cachimbo)

Ngi-lolokenu-nakui! — Queira desculpar-mo!

O mindele, ku fésa — Brancos na festa!...

Pópilas! — exclamação de admiração

Se ahatu alonua? Se kisanda uadia o funji... — Se as mulheres estão a beber? Se a branca ordinária está a comer o funje...

Sonhi mu'lenú é

Nuolokuenda ni mabunda

Nuolokuenda ni mabunda

GLOSSÁRIO

Pala ku loua Santana... —
Vocês não têm vergonha
Andam com embrulhinhos de feitiço
Andam com embrulhinhos de feitiço
Para enfeitiçarem o Santana

Sucuama! — exclamação de espanto; tb. «Sukué!»

Sukua! — exclamação de espanto

Tomuene uafidi, tomuene a-mu-loua uê... — Quem me dera que morresse, quem dera que fosse enfeitiçada...

Tudia, tunua, cita iafuta — Comemos, bebemos, o «CITA» é que paga

Tuji! — Merda!

Tunda! — Vai-te embora! Rua!

Tungu, jitungu... — Pau-paco, paus-paco... (paus muito rijos para construção)

Uê, Samba, utanga, makutu

Ua-mu-vualele ni nzala mu mala... —
Oh Samba, tu dizes mentiras
Pariram-te num dia de fome...

Xibia! — Apre! (exclamação)

Xié, vavó! — Sim, avó!